



UFPE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

AUCILANE SANTOS ARAGÃO

**A VARIAÇÃO DOS VERBOS *TER* E *Haver* EM CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS
NA FALA DOS MORADORES DO POVOADO “FAIXA” EM CANINDÉ DE SÃO
FRANCISCO - SE**

Recife

2020

AUCILANE SANTOS ARAGÃO

**A VARIAÇÃO DOS VERBOS *TER* E *HVER* EM CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS
NA FALA DOS MORADORES DO POVOADO “FAIXA” EM CANINDÉ DE SÃO
FRANCISCO-SE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestra em Letras.

Área de concentração: Linguística

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória

Recife

2020

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

A659v Aragão, Aucilane Santos
A variação dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais na fala dos moradores do povoado “Faixa” em Canindé de São Francisco – SE / Aucilane Santos Aragão. – Recife, 2020.
86f.: il.

Orientador: Marcelo Amorim Sibaldo.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2020.

Inclui referências e apêndice.

1. Sociolinguística. 2. Variação. 3. *Ter/haver* existenciais. I. Sibaldo, Marcelo Amorim (Orientador). II. Título.

410 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2020-140)

AUCILANE SANTOS ARAGÃO

**A VARIAÇÃO DOS VERBOS *TER* E *HVER* EM CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS
NA FALA DOS MORADORES DO POVOADO “FAIXA” EM CANINDÉ DE SÃO
FRANCISCO-SE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestra em Letras.

Aprovada em: 28/02/2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Elisângela Gonçalves da Silva (Examinadora Externa)
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins (Examinador Externo)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Dedico este trabalho a Deus, infinitamente por tudo, à minha família pela força; ao meu namorado pelo apoio; ao meu orientador e à minha coorientadora pelo acompanhamento; e a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para o êxito desta etapa tão relevante em minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, “doce presença, perfume suave”, minha gratidão ilimitada: a quem recorro incessantemente pra todas as coisas. Só transbordo sonhos porque sei que Tu podes realizar e mesmo agradecendo todos os dias pelo Teu cuidado ainda assim é insuficiente. A Ti toda a minha adoração, Alicerce Firme que me sustenta. Que tudo em mim seja pra Tua glória porque nada que eu tenha ou que eu for ter não se compara com o que sinto quando estou em Sua presença.

Aos meus pais, Vanda Marinho e Heribaldo Aragão, meus agradecimentos pela força e incentivo diários. Vocês são suportes!!!!!!!!!!!!!! Agradeço também a todos da minha família pela força e incentivo em todas as etapas vivenciadas até aqui.

Ao meu namorado, Diego Ribeiro, pelo apoio e paciência de sempre. Ainda não acabou, tá?! hahahaha ♡ Muito obrigada por ser esse ser maravilhoso que você é!!!!!!!!!!!!!!!!!! te amo, lindo!

Ao meu orientador, Marcelo Amorim Sibaldo, gratulações por acreditar na minha pesquisa. Suas orientações fizeram com que esse estudo enveredasse pelo melhor caminho possível. Grata!

À minha coorientadora, Elyne Vitória, o meu muito obrigada por cada sugestão, cada orientação. Seu acompanhamento foi fundamental do início ao fim. Saudade de suas aulas da graduação... Você é inspiração, mulher!

Agradeço também a amiga Maria Helena pelas conversas e auxílio sempre que precisei durante a etapa metodológica desse trabalho. Apesar da nossa pós-graduação ter acontecido em instituições diferentes, desejo que nossa jornada se cruze em algum momento novamente. Torço pela sua realização em tudo que você sonhar!

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras-Linguística da UFPE, pela oportunidade de compor o corpo docente de uma pós com tanta qualidade.

Ao CNPq pelo apoio financeiro.

Aos participantes da pesquisa pelo aceite do convite colaborativo em que ajudaram ativamente como voluntários a registrar um fenômeno linguístico variável no povoado em que residem por meio dos seus falares perante a variação existencial das variantes verbais *ter/haver*. Uma pequena parte da identidade linguística de vocês agora é documentada!!!

E, finalmente, obrigada a todxs aquelxs que contribuíram direta ou indiretamente com apoio e torcida durante todo o percurso, desde o processo seletivo à defesa da dissertação, o meu muito obrigada!

“A língua é um retrato de seu tempo e cada falante é usuário e agente modificador de sua língua, fixando marcas motivadas pelas situações por ele vividas” (SÁ, 2014, p. 110).

“Variedades linguísticas são diferentes no que concerne aos mecanismos formais disponíveis para a formulação dos atos de comunicação verbal, mas, ao mesmo tempo, absolutamente iguais no que diz respeito à função comunicativa” (CAMACHO, 2013, p. 25).

RESUMO

Esta pesquisa objetivou, de forma geral, analisar, descrever e explicar o comportamento variacionista entre os verbos *ter* e *haver* em sentenças existenciais na fala dos moradores do povoado Faixa, em Canindé de São Francisco – SE, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008). Procurou-se verificar, estatisticamente, o grau de influência de variáveis linguísticas e sociais no uso das variantes em estudo, de forma a compreender como ocorrem, em que frequência acontecem e qual o item verbal mais realizado. A coleta dos dados para a constituição do *corpus* de análise guiou-se pela estratificação dos participantes da pesquisa de acordo com o *sexo* e a *faixa etária* (20-40 anos e +41 anos). Os dados foram coletados através de entrevistas realizadas com o auxílio de um questionário-guia, gravadas por meio de um aparelho de áudio. A comunidade de fala cuja pesquisa foi realizada conta com cerca de quarenta moradores, o que corrobora para que a escolha da coleta dos dados linguísticos fosse realizada nesse local, uma vez que, caracterizada como uma comunidade de área rural, afastada dos grandes centros, o estudo da língua falada na região ainda é inédito. Para a análise quantitativa dos dados, as variáveis linguísticas selecionadas foram: *natureza do sintagma nominal* e *tempo verbal*; e, as variáveis sociais foram: *sexo* e *faixa etária*. Utilizamos o programa computacional *GOLDVARBX*, o qual gera resultados numéricos que mostram quais fatores são estatisticamente significativos e quais fatores são estatisticamente não significativos na análise dos dados. Nesse estudo, o *software* selecionou como fator significativo apenas a variável *faixa etária*. De acordo com os dados obtidos, constatamos que não só há a variação dos verbos *ter* e *haver* com sentido de existir na comunidade supracitada, como também que a variante *ter* tem suplantado a variante *haver* em contextos existenciais.

Palavras-Chave: Sociolinguística. Variação. *Ter/haver* existenciais.

ABSTRACT

This research aimed, in a general way, to analyze, describe and explain the variationist behavior between the verbs "ter" and "haver" exist in existential sentences in the speech of the residents of the town of "Faixa", in Canindé de São Francisco - SE, in the light of the theoretical-methodological assumptions of Theory of Variation and Linguistic Change (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008). We tried to verify, statistically, the degree of influence of linguistic and social variables in the use of the variants under study, in order to understand how they occur, how often they happen and which verbal item is most performed. The collection of data for the constitution of the analysis corpus was guided by the stratification of the research participants according to sex and age group (20-40 years and +41 years). The data were collected through interviews conducted with the aid of a guide questionnaire, recorded using an audio device. The speech community whose research was carried out has about forty residents, which corroborates that the choice of the collection of linguistic data should be carried out in this place, since, characterized as a rural area community, far from large centers, the study of the language spoken in the region is still unprecedented. For the quantitative analysis of the data, the linguistic variables selected were: nature of the noun phrase and tense; and, the social variables were: sex and age group. We use the computer program GOLDVARBX, which generates numerical results that show which factors are statistically significant and which factors are not statistically significant in the data analysis. In this study, the software selected only the age group variable as a significant factor. According to the data obtained, we found that not only is there a variation in the verbs "ter" and "haver" meaning in the aforementioned community, but also that the variant has supplanted the variant of having in existential contexts.

Keywords: Sociolinguistic. Variation. Existential *have* and *exist*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Casas de participantes da pesquisa.....	53
Figura 2 - Residência de outros participantes.....	53
Figura 3 - Escola Municipal João Marinho dos Santos.....	54
Figura 4 - Cisternas implantadas nos terrenos da Faixa.....	56
Figura 5 - Barragem cheia após chuvas intensas de inverno, onde os animais bebem água.....	56
Figura 6 - Plantação de milho, palma e capim para o gado.....	57
Figura 7 - Animais comendo capim no pasto após inverno.....	58
Figura 8 - Casa de barro ao lado da casa construída de cimento.....	58
Figura 9 - Um dos participantes da pesquisa trabalhando.....	59

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - <i>Habere</i> (<i>haver</i>) no Latim Clássico e Vulgar.....	37
Tabela 2 - Quadro de acepções do verbo <i>haver</i> construídas com sentido de posse nas línguas românicas.....	38
Tabela 3 - Ocorrências linguísticas de <i>Ter</i> e <i>Haver</i> na carta de Caminha.....	43
Tabela 4 - Verbo <i>Ser</i> assumindo significação existencial: uma amostragem por século.....	43
Tabela 5 - Ocorrências de <i>Haver</i> e <i>Ter</i> possessivos por século.....	44
Tabela 6 - Variação de acordo com as variáveis “sexo” e “escolaridade”.....	45
Tabela 7 - Ocorrências de <i>ter</i> e <i>haver</i> existenciais nas produções dos alunos.....	49
Tabela 8 - Dados totais da coleta realizada para este estudo.....	62
Tabela 9 - Dados estatísticos do fator tempo verbal.....	65
Tabela 10 - Dados estatísticos do fator Natureza do SN objeto.....	67
Tabela 11 - Dados estatísticos do fator sexo.....	68
Tabela 12 - Dados estatísticos do fator faixa etária.....	70

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Fator escolaridade nas realizações de <i>ter/haver</i> existenciais.....	46
Gráfico 2 - Ocorrências da variação <i>ter/haver</i> existenciais na fala e na escrita.....	47
Gráfico 3 - Variação <i>ter/haver</i> existenciais na escrita por faixa etária.....	48
Gráfico 4 - Ocorrências de <i>ter</i> e <i>haver</i> existenciais nas produções textuais dos alunos da 8ª série do ensino fundamental e 3º ano do ensino médio.....	50
Gráfico 5 - Ocorrências totais de <i>ter</i> e <i>haver</i> existenciais na fala dos moradores da Faixa.....	62
Gráfico 6 - Dados estatísticos do fator tempo verbal.....	66
Gráfico 7 - Dados estatísticos do fator Natureza do SN objeto.....	68
Gráfico 8 - Dados estatísticos do fator sexo/gênero.....	69
Gráfico 9 - Dados estatísticos do fator faixa etária.....	71

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO: A SOCIOLINGUÍSTICA NO ESTUDO CIENTÍFICO DOS FENÔMENOS LINGUÍSTICOS VARIACIONISTAS DA FALA E DA ESCRITA.....	19
2.1	A perspectiva social na língua(gem) e o surgimento da Sociolinguística.....	19
2.2	Variação e Mudança linguística.....	22
2.3	Metodologia de pesquisa: escolha do fenômeno variável, seleção de informantes, estratificação social, comunidade de fala, coleta de dados e análise estatística.....	28
3	FENÔMENO VARIÁVEL INVESTIGADO: VARIAÇÃO VERBAL DE TER E HAVER EM CONTEXTOS EXISTENCIAIS.....	34
3.1	Acepção e aplicação verbal de <i>ter</i> e <i>haver</i> historicamente: do Latim às línguas românicas hoje.....	36
3.2	O que as pesquisas sociolinguísticas já realizadas revelaram sobre o fenômeno variacionista em estudo.....	42
4	CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE DE FALA ESTUDADA: ASPECTOS SOCIOCULTURAIS.....	52
5	DESCRIÇÃO, ANÁLISE E EXPLICAÇÃO DOS DADOS LINGUÍSTICOS DA VARIAÇÃO DOS VERBOS TER E HAVER NAS SENTENÇAS EXISTENCIAIS DA FALA DOS MORADORES DO POVOADO FAIXA EM CANINDÉ DE SÃO FRANCISCO – SE.....	61
5.1	Variável dependente.....	61
5.2	Variáveis linguísticas e sociais.....	64
5.3	Percepção dos participantes da pesquisa concernente à variação em Estudo.....	73
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
	REFERÊNCIAS.....	80
	APÊNDICE A – FICHA SOCIAL DO INFORMANTE.....	85

1 INTRODUÇÃO

A língua é um recurso natural do ser humano. É o que o diferencia dos outros animais. Caracteriza-se como dinâmica, heterogênea, portanto, variável. Entretanto, é necessário a compreensão de que há uma idealização de língua, uma espécie de modelo padronizado a que todos os falantes teriam que seguir.

Esse pensamento advém de “puristas”, adjetivo que caracteriza o grupo que prega essa homogeneização. É comum verificar que as variantes mais utilizadas pelos menos favorecidos economicamente são estigmatizadas, enquanto as variantes usadas por quem possui nível socioeconômico e acesso à escolarização de qualidade detém um *status* valorativo positivo.

É por causa dessa avaliação, atribuída por meio de um juízo de valor, que frequentemente ouvimos, nos mais diversos contextos comunicativos, a expressão: “matou a língua portuguesa”, em referência a alguém que utilizou determinada variante de estigma. Isso reflete a visão de que a variação é tratada pelos puristas, e, até pelos próprios falantes, como formas invasivas que deturpam a língua. Visto que essa percepção foi plantada historicamente e está enraizada no seio social, sendo disseminada e reproduzida constantemente.

No entanto, a variedade linguística não é a desorganização da língua como se prega. Cada variante é realizada conforme suas regras, de maneira ordenada em cada língua.

O pensamento que dispomos nesta pesquisa a respeito da visão panorâmica sobre o estudo da variação é a mesma de Cardoso e Cobucci (2014, p. 71) de que a variação não deve ser tratada apenas como uma disciplina curricular; mas também, dando crédito à diversidade linguística sem avaliação negativa e/ou qualquer que seja o juízo de valor que implique inferioridade a alguma das formas utilizadas.

Nesse sentido, esta investigação ostenta o título “a variação dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais na fala dos moradores do povoado Faixa, em Canindé de São Francisco - SE”, ambicionando estudar um fenômeno linguístico variável a fim de descrevê-lo e analisá-lo, o que impossibilitaria uma unidade, uma vez que ela possui naturalmente uma propriedade plural.

Portanto, objetivou-se, como instância geral, compreender, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008), a variação do uso do verbo “ter” no sentido de existir na fala dos moradores do povoado Faixa, em Canindé de São Francisco-SE, e, especificamente, i. Verificar se há variação no uso dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais da comunidade de fala pesquisada; ii. Constatar a frequência e a estrutura de maior ocorrência da variação em estudo na amostra coletada; iii. Descrever os fatores linguísticos e/ou sociais que condicionam o uso dessas formas verbais; iv. Diagnosticar se a alternância da variação estudada reflete um processo de variação estável ou em uma mudança em progresso; v. Avaliar as normas subjetivas dos falantes sobre o uso desses verbos em contextos existenciais.

Com efeito, a gramática normativa expõe que o verbo *ter* deve ser empregado com o sentido de posse, enquanto o verbo *haver* aplicado com o sentido de existir. No entanto, no uso real, os falantes, com instrução social ou não, majoritariamente, utilizam o *ter* além do sentido de posse, como também em sentenças existenciais.

É relevante destacar que a variação entre os verbos em *ter/haver* existenciais não é tão saliente, visto que não é marcada ao ponto de ser perceptível e gerar juízo de valor como outros fenômenos linguísticos, como o fenômeno variável “rotacismo”, cuja troca do “l” pelo “r” (problema-probrema) gera juízo de valor de prestígio e estigma com relação à última variante, o que nos leva a acreditar que há um grupo que lidera a avaliação de quais variantes merecem notoriedade e quais variantes são indignas de apreço, além de julgar, mesmo que inconscientemente, quais os fenômenos que serão sensíveis aos ouvidos dos falantes numa comparação entre duas variantes ou mais.

Cabe o questionamento do porquê a variação entre *ter* e *haver* em sentenças existenciais não “fere” os ouvidos dos “gramatiqueiros” da mesma maneira que os fenômenos variáveis de concordância, por exemplo. Acontece que quem dispõe do poder no estrato social dominante, a saber, a elite, que possui prestígio social e economicamente, utiliza as duas variantes em contextos existenciais. Por outro lado, o que a elite usa, mesmo que não esteja conforme o que a gramática normativa expõe sobre as regras de uso, não é tachado pejorativamente, logo, não é erro crasso.

No entanto, Faraco (2011, p. 261) assume a posição de que “do ponto de vista estritamente linguístico (gramatical/sistêmico), as normas se equivalem, mas do ponto de vista social não”. Isto é, não há nada linguisticamente intrínseco no sistema interno da língua que justifique o caráter de aceitabilidade *versus* enjeitamento de determinados fenômenos variacionistas, o que corrobora para a assertiva de Bagno (1999) de que o preconceito antes de ser linguístico, é social.

É por consequência das valorações sociais (positivas e negativas) concernentes aos usos linguísticos que Faraco (2011, p. 266-267) afirma que “há uma trama de imagens e significações que recobre a língua e que é mais poderosa que toda a argumentação lógico-racional, mais poderosa que toda a argumentação empírica que possamos desenvolver”. Logo, urge a necessidade de uma consciência linguística sobre a variação.

Dessa forma, escolheu-se esse tema também pelo reconhecimento da necessidade de se discutir que a língua cotidiana não é estagnada, imutável, tampouco cabe dentro de uma caixa moldada por um ideal de língua intocável aos não escolarizados. A linguística, precisamente a sociolinguística, atua como campo científico do conhecimento exercendo o papel linguístico, e social de desenvolver também essa consciência.

No uso real da língua, no português brasileiro, sentenças existenciais geralmente são constituídas tanto com o verbo *haver*, quanto com o verbo existir. Esse fenômeno variacionista já foi estudado por Mattos e Silva (1996); Callou e Avelar (2000); Dutra (2000); Leite, Callou e Moraes (2002); Duarte (2003); Silva (2004); Kato (2005); Vitral e Ramos (1999); Avelar (2006); Vitória (2008); Gonçalves (2014); Guedes, Lacerda e Cardoso (2014); Oliveira (2014); Carvalho (2015), e outros.

Tendo em vista esta realidade, fruto do “processo de esvaziamento semântico de *haver*, que se efetivou no século XVI, e criou condições para que o verbo *ter* invadisse a esfera da oração existencial que era privativa de *haver*” (DUTRA, 2000, p. 552), objetivamos verificar como este fenômeno ocorre, quais influenciadores (linguísticos e extralinguísticos) motivam essas realizações e qual variante é mais frequente em sentenças com o sentido de “existir”, *ter* ou *haver*, no povoado “Faixa”, em Canindé - SE.

Metodologicamente, adotou-se nesse estudo uma pesquisa de cunho bibliográfico que embasa a fundamentação teórica e pesquisa de campo a partir da coleta de dados da fala dos moradores do povoado Faixa para análise e descrição, cuja teoria e metodologia credita-se à Sociolinguística Laboviana, logo após, fez-se a procedência da estratificação das categorias de gênero e faixa etária, fez-se a coleta da fala por meio de entrevista sociolinguística, descreveu-se e quantificou-se o *corpus* e explicaram-se linguisticamente as ocorrências do fenômeno variacionista.

Nesse sentido, o conteúdo dessa investigação está organizado em quatro capítulos.

No segundo capítulo, abordaram-se os fundamentos teórico-metodológicos da Sociolinguística Quantitativa; discutiu-se acerca da perspectiva social na língua(gem) e o surgimento do campo de saber científico da sociolinguística no cenário dos estudos sobre a língua, que, *a priori*, descartavam a relação da sociedade como colaboradora para o processo da variação e mudança linguística, não a certificando como verdadeira; pontuou-se o que diz a Teoria da Variação e Mudança Linguística desenvolvida por William Labov que referencia o estudo dos fenômenos linguísticos variacionistas.

Também, problematizou-se sobre as variantes de prestígio *versus* as estigmatizadas, destacando-se a estratificação social díspar como ditador do que é considerado “certo” e “adequado” e o que é considerado “errado” e “inaceitável”, tendo em vista o princípio ideal, que promove o preconceito linguístico das variantes que não entram nesse fundamento, sobretudo, nas escolas, que ainda anulam e oprimem o uso das variantes estigmatizadas dos alunos. Uma vez que a escola resiste à concepção de língua variável ao utilizar a gramática normativa, ainda, como único parâmetro de língua; quando deveria explanar sobre o papel da sociolinguística enquanto campo de saber que se compromete com a didatização da percepção da diversidade linguística como resultado de uma sociedade também diversa.

No terceiro capítulo, realizou-se uma revisão da literatura, discorrendo sobre o fenômeno linguístico investigado, a saber, a variação verbal em *ter* e *haver* existenciais; apresentando as acepções dos verbos *ter* e *haver* desde os empregos e realizações em latim clássico e latim vulgar (*habere/tenere*) até as línguas românicas,

com o intuito de observarem-se os resquícios de sua origem e emprego para uma reflexão sobre a não aleatoriedade no uso desses verbos que imbrica em variação.

Mostrou-se o que as gramáticas normativas postulam concernente à aplicação das regras de usos desses verbos e o que, de fato, acontece na fala real do dia a dia dos falantes, espontaneamente, sem monitoração, enfatizando o ideal de língua em contraste com o real, mostrando também os resultados das pesquisas sociolinguísticas já realizadas sobre a variação supracitada.

No quarto capítulo, analisaram-se, descreveram-se e explicaram-se os dados linguísticos obtidos na coleta da fala dos participantes da pesquisa, tomando notas sobre a comunidade de fala em que se realizou este estudo, destacando os aspectos históricos, sociais e culturais que caracterizam esse espaço e essa gente; considerou-se como a variável dependente processa-se na relação entre variáveis linguísticas e sociais e o que há na estrutura do sistema que infere uma ligação com a estrutura externa.

Por conseguinte, teceram-se as considerações finais sobre o estudo realizado, sintetizando-se o percurso metodológico e os resultados alcançados a partir dos objetivos propostos.

2 APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO: A SOCIOLINGÜÍSTICA NO ESTUDO CIENTÍFICO DOS FENÔMENOS LINGÜÍSTICOS VARIACIONISTAS DA FALA E DA ESCRITA

Em oposição às concepções do formalismo, que se voltam para o estudo da estrutura interna da língua em detrimento do estudo da estrutura externa, surge no século XX, o pensamento de língua como instituição social, visto que as concepções que visavam apenas o sistema por ele mesmo não davam conta de explicar como e de que forma o meio social motiva as escolhas linguísticas que usamos espontaneamente. Nessa perspectiva, surgem os fundamentos que dão origem à Sociolinguística. E é sobre esse assunto que será apresentado nesta seção.

2.1 A perspectiva social na língua(gem) e o surgimento da Sociolinguística

O surgimento de uma proposta de análise sistemática dos fenômenos variantes representa um importante marco no desenvolvimento da ciência linguística (COELHO; GORSKY, 2010).

Alkmim (2001, p. 24) relata que, a partir da década de 30, a pauta da relação entre língua e sociedade começa a ser refletida nos estudos de alguns linguistas e pensadores da linguagem, dentre eles o linguista francês Antoine Meillet. Este enfatizou o caráter social e evolutivo das línguas. Segundo ele, “por ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social” (MEILLET *apud* CALVET, 2002, p. 16), isto é, do ponto de vista de Meillet, toda e qualquer variação é motivada estritamente por fatos históricos e sociais, pois, “para ele, a história das línguas é inseparável da história da cultura e da sociedade” (ALKMIM, 2001, p. 24).

Comparando brevemente as ideias de Meillet com as do estruturalista Ferdinand de Saussure, pai da ciência linguística, pode-se afirmar que: a) Saussure opõe linguística interna de linguística externa enquanto Meillet as une; b) Saussure separa dicotomicamente diacronia de sincronia enquanto Meillet as associa; c) Saussure descrevia a língua por meio de fatores internos, enquanto Meillet buscava

explicar a estrutura linguística por, além de fatores internos, por vieses sociais, acreditando serem estes o motim da variação interna do sistema.

Segundo Alkmin (2001, p. 16), na perspectiva da linguística soviética, surgem Marr e Bakhtin. O primeiro tinha posições marxistas acerca da língua, ele acreditava que: a) todas as línguas possuíam a mesma origem, b) as línguas são instrumentos de poder e refletem a luta de classes sociais, c) as línguas são partes de uma superestrutura passando de estágios linguísticos de acordo com os estágios do meio social.

Mikhail Bakhtin (1920-1930) critica a perspectiva estruturalista de língua abstrata. Para ele, as palavras não são neutras nem imutáveis. Ele considerava a língua como um constante processo de interação, o qual é mediado pelo diálogo. Assim, segundo o pensador da linguagem, é no contexto real da língua que determinada forma ganha valor para o falante, sendo, nesse caso, o signo variável e flexível às mudanças.

Na década de 60, Labov retoma as noções de língua de Meillet, de língua como fato social dinâmico, em cujas abordagens se apoia. Assim, na linha do tempo dos estudos sobre a língua(gem), os fundamentos da sociolinguística se solidificaram enquanto teoria após o estruturalismo saussuriano e o gerativismo chomskyano.

Foi com a insatisfação com os estudos linguísticos que excluía a variável social que William Labov foi a campo coletar dados, a fim de mostrar que a variação da língua do dia a dia merecia observação, descrição e análise. Seus estudos o consagraram como um dos principais expoentes da sociolinguística e fundador da Sociolinguística Variacionista, também chamada de Sociolinguística Laboviana; haja vista a importância de sua contribuição para torná-la uma corrente teórica que une sistema e contexto externo, isto é, língua e social, ambos diretamente associadas, uma vez que, segundo o linguista estadunidense, essa relação deveria ser por natureza indissociável.

Assim sendo, a sociolinguística se inscreve na abordagem funcional dos estudos linguísticos, posto que “os enfoques funcionalistas associam estreitamente a estrutura linguística aos contextos de uso e às escolhas que os falantes fazem para satisfazer propósitos e necessidades discursivo-interacionais” (MOLLICA; RONCARATI, 2014, p. 218), cujo surgimento se deu em oposição à exclusão das estruturas extralinguísticas nos usos reais da língua.

Desse modo, Mollica e Roncarati (2014, p. 219) apresentam cinco dimensões sobre a natureza da vertente funcionalista na relação entre o binômio forma-função, (i) arbitrariedade, diz respeito ao “não pareamento ou falta de acordo entre forma e função”; (ii) assimetria: a função determina a forma, porém o inverso não possui procedência; (iii) estabilidade da arbitrariedade: está relacionada com a “pressão de normas ou convenções sociais gerando rotinização da forma; (iv) iconicidade: possui uma “relação motivada entre a estrutura sintática e a construção”; e (v) biunicidade ou isomorfismo: explicada pela “relação não arbitrária, um a um, entre forma e função”, respectivamente.

A primeira investigação sociolinguística de Labov iniciou em 1961, no inglês falado por moradores de Martha's Vineyard, ilha localizada na costa nordeste nos Estados Unidos, no estado de Massachusetts. Esse estudo, que foi sua dissertação de mestrado, se deu a respeito da mudança linguística de nível fonético das variantes (ay)/(aw), foneticamente expressas como (ay) e (aw). O objetivo era detectar as ocorrências das duas variantes e observar se uma se sobrepunha à outra.

A fim de coletar dados da fala cotidiana, objetivando analisar e descrever a variação supracitada, Labov (1972) estratificou sua amostra de sessenta e nove participantes da pesquisa (nativos da ilha) em três categorias: **faixa etária**, com sujeitos de menos de 30 anos, de 31 a 45 anos, de 46 a 60 e mais de 60 anos; **grupos profissionais**, acionando 14 pescadores, 8 agricultores, 6 construtores, 19 prestadores de serviços, 3 profissionais liberais, 5 domésticas e 14 estudantes; e **étnicos**, 42 descendentes de ingleses, 16 de portugueses e 9 de indígenas.

O resultado da coleta revelou 3.500 ocorrências da variante (ay) e 1.500 realizações da variante (aw) e confirmaram a hipótese de uma correlação sistemática entre os padrões linguísticos e os sociais na mudança fonética das variantes estudadas. Tomando nota das limitações desse estudo, Labov “refinou” as técnicas realizadas para um estudo mais complexo em Nova Iorque, no tocante à realização do (r) em lojas de departamento, a fim de identificar as inferências sociais em tais ocorrências.

A partir do que foi exposto, evidencia-se que Labov foi um grande idealizador do estabelecimento de uma metodologia para coleta, análise e transcrição dos dados para a pesquisa científica em Sociolinguística. Ainda há lacunas no que tange a alguns aspectos metodológicos adotados na Sociolinguística, como os citados por Freitag

(2017, p.15-16), a saber: (i) a estratificação de gênero apenas em binário (masculino - feminino) descartando outras morfologias do ser; (ii) o preenchimento de células de escolaridade, uma vez que, com a expansão da educação, há uma dificuldade em encontrar um jovem analfabeto para a regularidade das células a serem compatíveis com a célula em que haja um idoso sem escolaridade, e o oposto também, a dificuldade de encontrar um idoso com ensino superior em uma comunidade interiorana, por exemplo para correlacionar com um jovem que possui esse nível de letramento (inclusive esse foi um problema para este estudo, uma vez que tivemos que descartar a escolaridade devido à comunidade ser pequena e não existir uma correspondência de participantes da pesquisa em diferentes células); (iii) e a migração, haja vista que muitos moradores se mudam frequentemente. Todos esses obstáculos dificultam um olhar mais próximo do social perante o descarte de alguns falantes por não possuírem o “perfil ideal” que se encaixe na célula. Porém, estes não anulam a importância dessa linha teórica nos estudos linguísticos que visam a correlação entre estrutura interna do sistema linguístico e contexto social.

Desse modo, a língua passou a ser observada, descrita e analisada para além do sistema em si, englobando também a participação ativa do social nesse processo. De maneira efetiva, a sociolinguística mostrou que a fala (e não apenas a língua) é organizada, não ocorre de forma irregular e segue regras internas e externas de produção, sendo constituída de sistematicidade; por conseguinte, possível de se estudar a fala, haja vista que essa, assim como a língua, possui “proposições lógicas”.

2.2 Variação e Mudança linguística

A pesquisa ora proposta se sustenta teoricamente nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008), sendo o linguista americano William Labov o maior expoente dos estudos sociolinguísticos variacionistas. Estes têm como orientação descrever e explicar a língua de forma a estabelecer as relações existentes entre os contextos sociais e linguísticos na análise de fenômenos linguísticos variáveis; entendendo o fenômeno da variação como universal, isto é, comum a todas as línguas naturais.

O estudo da língua, sob o ponto de vista laboviano, é realizado a partir da língua em uso, tendo em vista que as escolhas linguísticas feitas pelos falantes não dependem exclusivamente dos fatores internos à língua, mas também dos fatores externos a ela, revelando que a variação não é aleatória, mas ocasionada por diversos fatores. E embora haja variações no plano da fala enquanto escolhas individuais, em geral, a variação linguística situa-se no plano do sistema. Dessa forma, Labov (2008) caracteriza a língua como uma estrutura viva de caráter heterogêneo, logo, mutável a depender de diversos aspectos.

A Teoria da Variação e Mudança Linguística é baseada na ideia de que a sociedade, sendo dividida por diferentes grupos, possui também uma diversidade quanto aos usos linguísticos, além de que a variação linguística, ao passar por alguns estágios, pode resultar em uma mudança linguística.

Assim sendo, a sociolinguística laboviana tem como objetivo observar os mecanismos da língua, considerando-a heterogênea, vindo a observar suas variações a partir de fatores linguísticos e fatores sociais como faixa etária, sexo/gênero e escolaridade. Desse modo, tratando a língua como heterogênea, não se descarta a presença de regras, pois, diferentemente da noção de língua homogênea que contém regras categóricas e invariantes, a heterogeneidade apresenta além de regras categóricas, regras variáveis, visto sua dinamicidade e mutabilidade a depender de diversos fatores.

A noção de regras variáveis nos leva à definição de variação linguística, entendida como as diferentes possibilidades que o falante possui para fazer referência a um mesmo elemento/situação. Para uma melhor compreensão do conceito, faz-se necessário o entendimento da distinção terminológica entre variação, variedade, variável e variante. Assim, a variedade linguística representa a fala de uma determinada comunidade, ou seja, a variedade linguística de uma comunidade implica suas particularidades, denominada também de dialeto.

Para melhor entendimento sobre a relação entre variante e variável, segue, como exemplo, a variação linguística dos verbos *ter* e *haver* em sentença existencial: (i) *vai ter festa no sítio para comemorar o aniversário da Maria*, e, (ii) *vai haver festa no sítio para comemorar o aniversário da Maria*. Assim, na variação entre *ter* e *haver* a variável ocupa o lugar na gramática em que se localiza a variação, nesse caso, a

variável com a qual estamos lidando é a de sentenças existenciais. Já a variante é entendida como as formas individuais que concorrem em uma variável, por exemplo, os verbos *haver* e *ter*.

A escolha entre uma variante ou outra não é aleatória, pois esta escolha se dá por meio dos condicionadores linguísticos e sociais. A partir deles é possível compreender os contextos em que as variações estão inseridas. Desse modo, eles são divididos entre internos (condicionadores linguísticos: fono-morfo-sintático, discursivos e lexicais) e externos (condicionadores extralinguísticos: etnia, sexo (indivíduo)).

A variação de nível fonológico consiste na variação entre fonemas, consideremos, a nível de exemplificação, as seguintes sentenças:

1.) planta: /pláNta/ ã [prã:ta]

2.) globo: /glóbu/ ã [gró:bu]

3.) problema: /probléma/ ã [probré:ma]

O fenômeno da variação entre os sons [l] e [r] é chamado de rotacismo. Outro exemplo dentre tantos é o fenômeno fonológico variável chamado de despalatalização, que se configura com a troca do som [λ] pelo som [j], isto é, ortograficamente os sons, respectivamente de -lh- por -i- como em:

4.) mulher: /muléR/ ã [mujé:]

5.) folha: /fóla/ ã [fój:a]

6.) velha: /véla/ à [véj:a].

A variação de nível morfológico consiste na variação entre morfemas, a exemplo da variação entre os pronomes tu/você, e, nós/a gente.

7.) tu fostes para casa / você foi para casa

8.) nós vamos à festa / a gente vai à festa

A variação de nível sintático consiste na combinação de elementos, relações de subordinação, coordenação, seleção, e também na variação de posição nas construções sintáticas, por exemplo, a posição do pronome clítico em relação ao verbo, como em:

9.) eu o vi no cinema

10.) eu vi-o no cinema.

No exemplo 9, um uso de próclise (posição pré-verbal do pronome, isto é, o pronome vem antes do verbo), no exemplo 10, apresenta-se um uso de ênclise (posição pós-verbal do pronome, ou seja, o pronome é inserido após o verbo).

Linguisticamente, todos os exemplos são possíveis na fala real, o que os diferenciam é que apresentam regras de realização distintas. No entanto, todos os exemplos mostrados são aceitos e são considerados corretos do ponto de vista da linguística, haja vista que qualquer sentença acima escolhida linguisticamente pelo falante é possível no PB¹, apesar de a gramática normativa ser contrária a esse pensamento.

Outro exemplo de variação sintática é com relação as construções passivas em que se altera a ordem das constituintes da sentença, como em:

11.) o João comprou a casa

12.) a casa foi comprada pelo João

No primeiro caso, a ordem sintática da sentença é SVO (sujeito-verbo-objeto), já no segundo, é uma construção na voz passiva, em que o sujeito passa a ocupar a posição de agente da passiva e o objeto passa a ser o sujeito.

¹ Português Brasileiro

Já a variação lexical corresponde à alternância da escolha do léxico, por exemplo, o picolé artesanal de sacola plástica pode ser denominado de geladinho, gelinho, flau, dindin, juju, chup-chup ou sacolé, assim como a fruta tangerina é também conhecida como mimosa, mexerica, laranja cravo, bergamota, ponkan ou mandarina.

A variação discursiva consiste na variação de usos linguísticos no plano do discurso de maneira geral, desta forma, envolve: aspectos semântico-pragmáticos. Um exemplo desse tipo de variação é a escolha de conectores, tanto na fala quanto na escrita, como ocorre nos constituintes: então/daí/aí para referir-se a uma continuidade no discurso, chamados de marcadores discursivos.

13.) “[...] combinamos de ir à feira comprar frutas, **então** quando chegamos lá as escolhemos, além também de comprarmos verduras, **então** pagamos e voltamos pra casa”

14.) “[...] combinamos de ir à feira comprar frutas, **daí** chegando na banca que costumamos ir optamos por algumas frutas como: maçã, jaca e uva, **daí** resolvemos levar também umas verduras”

15.) “[...] havíamos combinado de ir à feira comprar frutas, **aí** chegamos lá nos arrependemos, **aí** ao invés de frutas compramos verduras”

Já a variação morfofonológica é uma interface entre a variação fonológica e morfológica, por exemplo, a variação na realização do uso de gerúndio, como:

a.7) cantando: /kantáNdu/ à cantano: [kãtã:nu]

A variação de nível morfossintático ganha projeção numa interface entre a variação morfológica e a variação sintática. Por exemplo,

a.15) os alunos são estudiosos

a.16) os aluno é estudioso

No primeiro exemplo, a construção está toda em concordância, segundo a gramática normativa. No segundo caso, cai o morfema gramatical -s que representa o número do núcleo do sintagma nominal ‘alunos’ e no sintagma adjetival, além da

variação do verbo ser: “são” para “é”, apagando a pluralidade que fica evidente apenas no sintagma nominal ‘os’.

Vistos os tipos de variação na dimensão interna, há também as variações de dimensão externa, que estão relacionadas ao lugar (variação diatópica), às situações comunicativas (variação diafásica/estilística), e à modalidade da fala e da escrita (variação diamésica).

A variação diatópica implica nas diferenças de usos linguísticos a partir do espaço geográfico em que os sujeitos estão inseridos, isto é, diferenças relacionadas ao espaço físico, como países, regiões, estados, cidades, zona rural, zona urbana.

A variação diafásica implica nas diferenças linguísticas entre situações comunicativas e contextos diferentes, como a linguagem usada em uma situação informal e uma situação formal. Exemplo: uma conversa entre amigos (“e aí, beleza?!” | “beleza, parceiro! Vamo pro futebol a noite?” | “vou não, cara, vou sair com a mina hoje!”) e de um funcionário com seu chefe (“Olá, bom dia! Tudo bem?!” | “Tudo ótimo! Gostaria da planilha de orçamentos do evento na minha mesa, por gentileza” | “claro!”)

A variação diamésica implica nas diferenças linguísticas entre as modalidades falada e escrita. Por exemplo, um texto enviado por *e-mail* para a secretaria escolar será diferente de uma conversa oral com a diretora da escola.

É importante salientar que nenhuma escolha linguística dos exemplos citados anteriormente se constitui como agramatical, logo, é necessário entender que a noção de erro avaliado pelo social a partir de uma mobilização de saberes gramaticais, ainda que ínfima, não existe para os linguistas, o que poderia apresentar de anormalidade na língua seria a agramaticalidade: quando as regras utilizadas pelo falante são incompreensíveis e irrealizáveis na sua língua.

Apesar de as variações serem classificadas em internas e externas, elas não ocorrem separadas de dimensão por dimensão, como se fossem autônomas, independentes. Geralmente, o que ocorre é uma combinação dos fatores da dimensão interna com os fatores externos no condicionamento da variação.

Segundo Camacho (2013, p. 30), “a sociolinguística variacionista impôs o postulado de que o binômio variação-e-mudança é uma propriedade constitutiva da linguagem”, mas esse par é constantemente confundido, logo, é relevante frisar que

nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica em mudança, porém, para uma mudança ser registrada, precisa passar por um processo de variação. Sendo assim, surge um problema na diferenciação entre o que se configura por variação e o que é instituído como potencialidade para uma mudança em processo; para solucioná-lo, Labov traz os conceitos de tempo real e tempo aparente.

A análise da variação em tempo real refere-se à observação dos falantes em diferentes épocas, utilizando estudos já realizados, de forma a comparar dados antigos com dados atuais. Já o estudo em tempo aparente está relacionado à observação de falantes de faixas etárias distintas, isto é, parte-se do pressuposto de que as diferenças linguísticas ocorridas em geração de falantes diferentes mostrariam os diferentes estágios do desenvolvimento da língua.

Desse modo, este estudo terá como base uma análise em tempo aparente, tendo em vista que se analisará a variação verbal *ter* e *haver* em sentenças existenciais em diferentes faixas etárias.

2.3 Metodologia de pesquisa: escolha do fenômeno variável, seleção de informantes, estratificação social, comunidade de fala, coleta de dados e análise estatística

A ciência enquanto campo científico busca promover conhecimentos a partir de métodos. Estes são sempre racionais, objetivos e sistemáticos; afastando-se do conhecimento empírico, filosófico, religioso, que são subjetivos e acríticos, visto que assentam em bases não “comprovadas”, isto é, não verificáveis. São apenas valorativos e, portanto, não são submetidos à observação e análise.

O caráter racional da pesquisa científica exige observação, experimentação e aplicação de critérios para chegar a um resultado final na investigação realizada sendo alicerçada em uma teoria, a fim de buscar a compreensão do objeto de pesquisa, que é incessantemente complexo. Ao contrário dos demais tipos de conhecimentos, o científico é falível, então, sujeito a falseamento (teste), podendo ser contestado; além de lidar com fatos, com a realidade concreta, apresentando-se também como

sistemática, pela ordenação lógica do pensamento e cumulativa por se apropriar de conhecimentos já existentes.

A pesquisa científica dispõe da realização de algumas etapas, o método é a ordenação destas. A primeira é a escolha do objeto. Nos estudos sobre língua(gem), o objeto é definidamente a própria língua(gem). O que diferencia uma pesquisa da outra é o que se busca estudar dentro desse escopo, os referenciais teóricos, os critérios elencados e os métodos aplicados, ou seja, o olhar recortado que se dá à investigação.

Desse modo, essa pesquisa assumiu o método dedutivo como procedimento metodológico, sendo este “um processo mental pelo qual o indivíduo parte de uma hipótese, uma ideia antecipada sobre um fato isolado para aplicá-la à totalidade dos fatos similares se repetidas as mesmas condições de ocorrência” (XAVIER, 2017, p. 38). O autor descreve que esse método implica primariamente na construção de uma

hipótese ou teoria sobre o funcionamento e características de um determinado fenômeno natural ou humano, em seguida, observa, experimenta e testa sua hipótese no laboratório ou no campo de observação. Esses procedimentos confirmarão a hipótese estabelecida antecipadamente ou a negarão ao final da investigação, (XAVIER, 2017, p. 37).

Isso posto, para a realização desta pesquisa, adotou-se a metodologia da Sociolinguística Quantitativa, (LABOV, 2008; TARALLO, 1994), também chamada de Sociolinguística Laboviana, a qual expõe que, para a sistematização de uma regra variável, é necessário coletar dados linguísticos de uso real da língua, visto que o objetivo basilar da teoria é o estudo da língua em seu contexto social e em situações reais de uso.

Labov (2008) aponta algumas etapas fulcrais que devem ser realizadas pelo pesquisador, com o intuito de sistematizar uma regra variável, a saber: definir a variável dependente e as variáveis independentes; delimitar a amostra da pesquisa; coletar os dados para formar o *corpus* do trabalho; transcrever, codificar e quantificar os dados; e interpretar os resultados obtidos.

Em referência às propriedades da escolha da variável linguística, Labov afirma, inicialmente, é necessário que

Seja um item que seja frequente, que ocorra tão reiteradamente no curso da conversação natural espontânea que seu comportamento possa ser mapeado a partir de contextos não estruturados e de entrevistas curtas.

Segundo, deve ser estrutural: quanto mais integrado o item estiver num sistema mais amplo de unidades funcionais, maior será o interesse linguístico intrínseco do nosso estudo. Terceiro, a distribuição do traço deve ser altamente estratificada: ou seja, nossas explorações preliminares devem sugerir uma distribuição assimétrica num amplo espectro de faixas etárias ou outros estratos ordenados da sociedade, (LABOV, 2008, p. 26).

Assim, escolheu-se a variável linguística (variação dos verbos *ter/haver* em sentenças existenciais); delimitou-se a amostra (12 participantes da pesquisa estratificados em sexo e faixa etária), escolheu-se a comunidade de fala (povoado Faixa, em Canindé - SE); com isso, definiu-se a base para a pesquisa sociolinguística de campo.

Desse modo, esse estudo foi dividido em quatro etapas básicas. Inicialmente, constituindo a parte teórica do trabalho, fez-se a revisão da literatura dos estudos que deram suporte à análise, descrição e explicação das realizações da variação em estudo. Posteriormente, delimitou-se a amostra da pesquisa, restringindo-se a dar conta da variação verbal do *ter* e *haver* em contextos existenciais, na modalidade falada por moradores do povoado Faixa, em Canindé de São Francisco - SE, caracterizada como uma comunidade da zona rural desse município.

Desse modo, a abordagem aos participantes da pesquisa foi concebida a partir de entrevistas sociolinguísticas, as quais foram realizadas por meio de um questionário-guia elaborado de forma a estimular o uso de uma das formas verbais, seja o uso do verbo *ter* ou a escolha linguística por *haver*, gravadas por um aparelho de áudio, uma vez que “o método básico para se obter uma grande quantidade de dados confiáveis da fala de uma pessoa é a entrevista individual gravada” (LABOV, 2008, p. 63).

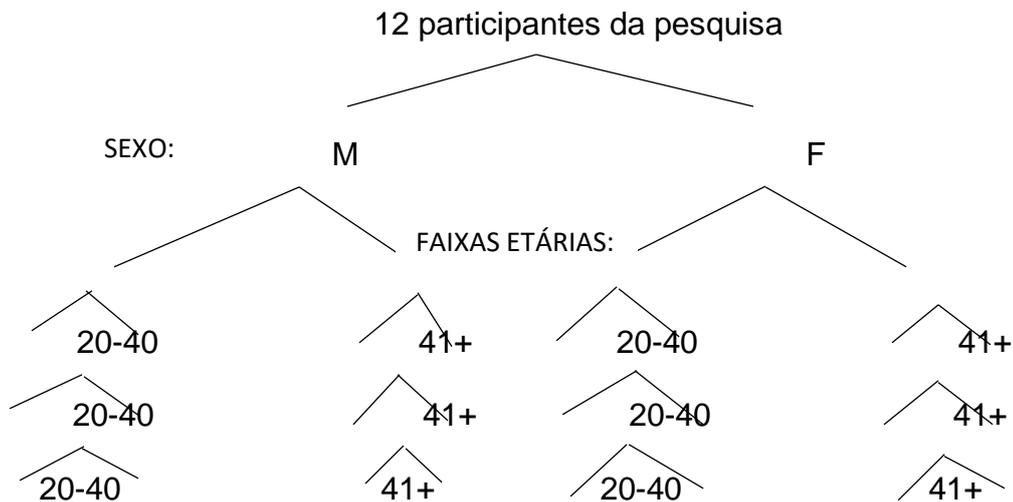
Segundo Gorski; Coelho (2010, p. 119),

Nas entrevistas sociolinguísticas o entrevistador deve tentar (i) neutralizar a força inibidora de sua presença (já que ele é uma pessoa estranha à comunidade) e do gravador, mostrando-se interessado, de fato, nas histórias que os informantes vão contar; (ii) realizar o mínimo de interferências no momento em que o informante estiver discorrendo sobre os assuntos que despertem o seu interesse. Tomando esses cuidados, o pesquisador estimula o informante a “soltar” seu vernáculo e garante textos com unidade discursiva e não fragmentados.

Dessa forma, a utilização do questionário-guia para as entrevistas tem como objetivo primordial homogeneizar os dados coletados para uma comparação posterior, controlar os tópicos de conversa e instigar narrativas de experiências pessoais, tendo em vista que estudos com narrativas de experiências pessoais têm demonstrado que, ao relatá-las, o informante está afetivamente envolvido com o que está falando e deixa de se monitorar, propiciando uma fala espontânea (LABOV, 2008).

Assim, para a realização das entrevistas sociolinguísticas, criou-se um roteiro de questões, a fim de auxiliar a entrevista; para a consumação desta, estratificou-se a amostra em células sociais de acordo com as variáveis sociais de sexo (masculino e feminino), faixa etária (20-40 / +40 anos), o que fornece 4 células que serão constituídas por três participantes em cada célula, totalizando, assim, 12 participantes da pesquisa.

Desse modo, a distribuição para esta pesquisa é a seguinte:



Variáveis sociais:

- I. Sexo: M – masculino; F – feminino
- II. Faixa etária: 20 a 40 e +41 anos

A variável social escolaridade foi excluída da pesquisa com a justificativa da quantidade ínfima dos moradores da comunidade que não chegam ao número de 50 pessoas. Logo, não haveria regularidade na distribuição das células, uma vez que não

há na comunidade pessoas que se encaixem de forma igual, enquanto participantes “ideais” para a pesquisa, problema não raro do pesquisador de campo na área da Sociolinguística, como aponta Sá (2014)

A busca por informantes que sigam um certo parâmetro tende a ser uma das tarefas mais árduas do pesquisador, seja pela dificuldade em encontrar a pessoa ideal, solícita, com uma desenvoltura suficiente à coleta de dados e sem problemas articulatórios, seja pelo próprio receio do informante, na sua grande maioria, com uma instrução escolar limitada ou com pouco tempo disponível, (SÁ, 2014, p. 113).

Quanto as variáveis linguísticas selecionamos: tempo verbal (passado e presente) e Natureza do SN Objeto (concreto e abstrato) para a análise dos dados.

As entrevistas foram gravadas em Julho de 2019, nas casas dos participantes da pesquisa, estes, inicialmente foram informados sobre a pesquisa, garantindo o direito de suas desistências a qualquer momento do estudo, até mesmo depois dos dados coletados, além de lhes terem sido assegurados o anonimato, uma vez que apenas os dados seriam utilizados, sem a divulgação dos seus nomes e dados pessoais. Após essa abordagem inicial, os participantes assinaram ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) modelo disponibilizado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), *campus* Recife - PE. E, logo após, foi preenchida uma ficha social com informações pessoais de cada sujeito, a qual está anexada nos apêndices desse trabalho.

Em paralelo às entrevistas, iniciou-se a transcrição dos dados, que se realizou com o auxílio do programa computacional *Express Scribe*.

Após a transcrição de todas as entrevistas, analisaram-se os dados obtidos de forma a observar as realizações das variantes *ter* e *haver*, posteriormente; finalizar-se-á esta etapa com a codificação dos dados, pois esse sistema de codificação faz-se importante para a sistematização de todas as ocorrências do fenômeno variável, uma vez que o programa *GoldVarbX*, utilizado para a análise estatística, só opera com leitura de códigos (Cf. SANTOS; VITÓRIO, 2011).

Os códigos estão representados em letras, como S: sexo feminino, M: masculino; 1: faixa etária 20-40 anos, 2: +41 anos; Tempo verbal: R: passado, P: presente; Natureza do SN objeto: C: concreto, A: abstrato; e, variantes: T: verbo *ter*, H: verbo *haver*.

Em seguida, fez-se a análise quantitativa dos dados. Para esta etapa, utilizou-se o programa computacional *GoldVarbX* (SANKOFF; TAGLIAMONTE, SMITH, 2005), o qual gerou resultados numéricos associados a pesos relativos que permitiram saber quais fatores foram estatisticamente significativos e quais fatores foram estatisticamente não significativos para a variável dependente estudada.

Após a análise estatística dos dados realizada pelo programa, detemo-nos à descrição dos resultados obtidos, a fim de buscar atingir os objetivos propostos e explicar linguisticamente os resultados alcançados.

Por fim, tomou-se também como base para o desenvolvimento desta pesquisa estudos já realizados acerca da variação verbal *ter* e *haver* (MATTOS E SILVA (1989); CALLOU; AVELAR, 2000; DUTRA, 2000; SILVA, 2001; DUARTE, 2003; MARTINS; CALLOU, 2003; VITÓRIO, 2011, 2012^a; GONÇALVES, 2014), para, a partir de então, realizar a comparação dos resultados alcançados nesta pesquisa com os obtidos pelos autores mencionados possibilitando assim um melhor entendimento do fenômeno em estudo.

3 FENÔMENO VARIÁVEL INVESTIGADO: VARIAÇÃO VERBAL DE *TER* E *HVER* EM CONTEXTOS EXISTENCIAIS

Esse capítulo apresenta o contraste entre o que a gramática normativa diz sobre o fenômeno variacionista *ter/haver* em sentenças existenciais e mostra os resultados das pesquisas linguísticas já realizadas sobre este.

Inicialmente é importante retomar a noção de qual gramática será percorrida durante todo esse tópico, a saber: gramática tradicional normativa, que ideologiza uma língua homogênea, sem variedades, que trabalha com ideia de “erro” e “acerto”, apontando como inadequado/incorrecto as regras de realizações que não foram estipuladas pelos gramatiqueros, distinta da percepção de língua para a linguística.

À vista disso, a gramática tradicional (doravante GT) caracteriza-se com um perfil conservador que promove a preservação de formas antigas em detrimento das inovadoras. Portanto, além de descrever a estrutura da língua, ela também prescreve regras de realizações “com base no uso que dela faziam aqueles que a sociedade considerava e considera os seus bem mais ‘bem-acabados’ usuários, os chamados ‘grandes escritores’, tanto poetas, quanto prosadores” (MATTOS e SILVA 1995, p.12).

Desse modo, a gramática tradicional expõe que a aplicação verbal de “ter” deve estar relacionada com o sentido de posse, ex.:

“Você **tem** um belo carro”

“Você **possui** um belo carro”.

Enquanto o uso verbal de “haver” deve apresentar o sentido de existir, ex.:

“Nessa loja **há** belos carros à venda”

“Nessa loja **existem** belos carros à venda”.

Esses seriam os usos contextuais declarados como ideais dos verbos “ter” e “haver”, segundo a gramática tradicional (GT), configurando a substituição de *ter* por *haver* em sentenças existenciais como erro gramatical.

No entanto, no uso real da língua acontece uma variação destes usos em situações existenciais. Estudos sociolinguísticos revelam uma concorrência das formas supracitadas em construções existenciais, indo de forma oposta ao ideal da normatização, tendo em vista que, em vez de os falantes dizerem: “nessa loja, **há** belos carros à venda”, os dados da fala real nas pesquisas sociolinguísticas sobre este fenômeno registram que os falantes tendem a falar “nessa loja **tem** belos carros à venda”.

O estudo e a compreensão da constituição de fenômenos variacionistas são de suma importância para uma formação consciente dos sujeitos a respeito das questões da língua para entender que o mundo em que os falantes se situam não é fixo, está em constante mudanças e, conseqüentemente, acontece o mesmo no campo linguístico, haja vista que construímos o mundo por meio da língua(gem), o (re)significando e o (re)categorizando.

Ao ressaltar que nenhum fenômeno linguístico ocorre aleatoriamente, confirma-se também a assertiva de que todos os fenômenos podem ser explicados seja histórica, cultural e/ou ideologicamente desde a sua formação a seus usos. É necessário conhecermos a história dos fenômenos linguísticos, a fim de desmistificar falsas suposições do senso comum sobre estes. Visto que a descrição histórica por si só explica a variação e a mutabilidade linguística, inata às línguas vivas, pois o tempo e a necessidade dos falantes em suas diversas situações comunicativas vão reestruturando-as naturalmente promovendo novos (re)arranjos em concomitância ou em detrimento de formas antigas sobre as novas.

Por isso, Bagno (2009, p. 156) diz que “a história de qualquer língua viva é a história de perda de distinções e, ao mesmo tempo, do surgimento de novas diferenciações nos usos dos recursos que o idioma oferece aos falantes”. Desse modo, retornaremos ao passado para deixar claro que a história dos fenômenos linguísticos também mostra o apego dos gramatiqueros puristas para com a seleção das únicas formas aceitáveis para eles.

Este capítulo, portanto, explana o comportamento variável dos verbos *ter* e *haver*, sendo explicado historicamente, desde suas acepções e aplicações em Latim, haja vista que a base do sistema verbal português é oriunda da língua latina, até suas

configurações nos dias atuais nas línguas românicas, destacando também os usos do português europeu com o português brasileiro, dada uma ênfase ao PB.

Em seguida, destacaremos o que dizem as gramáticas tradicionais acerca dos usos ideais de *ter* e *haver*. Isto é, como os puristas da língua delegam os usos desses verbos. Depois, discorreremos sobre os estudos sociolinguísticos já realizados sobre o fenômeno, revelando os objetivos destas pesquisas e os resultados encontrados diante dos dados obtidos da fala real a fim de comparar o uso ideal *versus* uso real.

3.1 Acepção e aplicação verbal de *ter* e *haver* historicamente: do Latim às línguas românicas hoje

Os fenômenos possuem uma história, logo a variação e mudança linguística podem ser explicadas por meio de toda a sua tradição: dos seus surgimentos aos usos atuais. A acepção verbal de *haver*, oriunda da forma *habere* em Latim, registrava o sentido de posse; enquanto *ter*, derivado de *tenere*, significava guardar/reter/impedir o afugento.

Inicialmente o verbo “aver” é utilizado para designar qualquer tipo de posse enquanto “teer” é reservado para designar a posse temporária ou a posse de bens materiais adquiríveis. Em comum, temos o facto de ambos serem utilizados para designarem a posse de bens materiais, palpáveis. (COSTA, 2010, p. 61-62).

Embora sempre existisse uma proximidade semântica entre ambos os verbos em estudo como cita Costa (2010), um estudo realizado por Fontes (2014, p. 571) mostrou que

A análise do percurso dos verbos *ter* e *haver* permitiu-nos perceber que nem sempre o primeiro assumiu o estatuto preferencial que detém hoje, tendo sido entre os séculos XIV e XVI, segundo Costa (2010), Almeida (2006), Sampaio (2000), Mattos e Silva (2002a e 2002b), que o verbo *haver* foi sendo gradualmente substituído pelo verbo *ter*.

A história da língua mostra que essas acepções e correlações foram herdadas pelas línguas românicas. Vejamos:

Tabela 1 - Habere (haver) no Latim Clássico e Vulgar

LATIM:	EXEMPLO	TRADUÇÃO
CLÁSSICO (sermo classicus ou litterarius)	“Quam mihi misisti verbis, Leandre, salutem ut possim missam rebus habere , veni!” (Hero Leandre / Heroi Leandro)	“Como me enviou em palavras, Leander, e assim por diante, para que eu possa ser capaz de ter uma massa de coisas, venha, venha!”
VULGAR (sermo uulgaris, cotidianus, rusticus ou plebeius)	“[...] Vallis autem ipsa ingens est vallis, iacens subter latus montis Dei, quae habet forsitan, quantum potuimus videntes aestimare aut ipsi dicebant in longo milia passuum forsitan sedecim, in lato quattuor milia esse appellabant”. (Peregrinatio ad Loca Sancta, escrito pela monja Egéria”	“Mas esse vale é um grande vale, que se estende sob o flanco do monte de Deus, que tem talvez pelo que pudemos julgar olhando, ou eles mesmos diziam, talvez dezesseis mil passos de comprimento; em largura, mencionavam ser quatro mil”.

Fonte do texto em Latim clássico e Vulgar: <http://thelatinlibrary.com/ovid.html>

Tabela 2 - Quadro de acepções do verbo *haber* construídas com sentido de posse nas línguas românicas

LÍNGUAS ROMÂNICAS	EXEMPLOS	TRADUÇÃO
Espanhol <i>Haber (haber-ter)</i>	“ Hay um chico en la recepción que quiere hablar contigo”; “¿Por qué hay tres platos en la mesa?”	“ Tem um rapaz na recepção que quer falar com você”; “Por que tem três pratos na mesa?”.
Francês <i>Avoir (haber-ter)</i>	“Il veut avoir un éléphant”; “ avoir besoin”; “il y a”.	“Ele quer ter um elefante”; “ ter necessidade”; “há, tem, existe”.
Italiano <i>Avere (haber-ter),</i>	“Ho perso il mio numero di telefono. Posso avere il tuo?”	“Perdi o meu número de telefone. Posso ter o teu?”.
Português europeu	“ Há jogo amanhã na arena” “ Havia quarenta bilhetes antes de serem todos vendidos”	-
Português brasileiro	“ Há um livro em cima da mesa” “ Tem um livro em cima da mesa”	-

Fonte: elaborado pela autora deste texto, 2019

Atualmente, o verbo *haber* é utilizado com sentido existencial, mas nem sempre essa foi a procedência. No PB, há concorrência entre as formas *ter* e *haber*.

Ambas possuem acepções distintas segundo a GT, no entanto, no uso real costumam ser usadas de maneira equivalente. O verbo *ter* é usado com sentido existencial.

Segundo Bagno (2009, p. 201) em um dado tempo os falantes do PE (mas nem todos) começaram a deixar de usar o verbo *ter* com a equivalência semântica de *haver*, normatizando o *ter* com sentido de posse e *haver* com sentido existencial na fala e na escrita.

Callou e Avelar (2012, p. 225) explicam que, no PB, o falante sente a necessidade de projetar um sujeito possuidor para sentenças possessivas como em “Ele tem cabides na gaveta”; interpretando como uma construção existencial a sentença “há cabides na gaveta”. Enquanto no PE, o *ter* não é majoritariamente utilizado com sentido existencial, e sim, de posse, por exemplo:

a) PE – Ele tem (possui) cabides na gaveta

Há (existe) cabides na gaveta

b) PB – Há (existe) cabides na gaveta

Tem (existe) cabides na gaveta

A origem etimológica dos verbos *ter* e *haver* desde o Latim, *habere* e *tenere*, até a história semântica desses verbos nas línguas românicas demonstram uma trajetória de equivalência entre ambos, como Freitas e Sousa (2014, p. 169) alegam:

Tanto no latim quanto no português arcaico, já era possível encontrar as duas variantes em interação e, no decorrer do tempo, com a evolução da língua, houve uma expansão semântica, e o sentido de um verbo foi assimilado pelo sentido do outro.

Historicamente, o mesmo não ocorreu no sentido inverso, do verbo *haver* no sentido de posse, apenas com o *ter* no sentido existencial. Apenas no latim houve ocorrências de *haver* no lugar de *ter*, o que não foi herdado pelas línguas românicas. Mas, com o passar do tempo,

O verbo *haver* tinha perdido muito do seu sentido possessivo, sendo substituído por *ter* para indicar a posse de coisas materiais. A língua também preferiu o verbo *ter* para formar tempos compostos; são cada vez mais raras

as perífrases formadas com *ter* e participípio, indicando a posse e permanência de um estado. (SAMPAIO, 1978, p. 22)

Dessa forma, Sampaio (1978) explica que o verbo *haver* começou a sofrer um processo de esvaziamento semântico no que tangia ao sentido de posse, que se findou no século XVI, o que propiciou o verbo *ter* assimilar o sentido existencial a partir de então.

Essa assimilação de significado de *haver* por *ter* é explicado, uma vez que no latim ambos apresentavam sentidos aproximados, muito semelhantes. No entanto, a partir do português medieval houve uma queda, um esvaziamento do sentido de *haver* relacionado ao de posse, ficando apenas com sentido existencial. Porém, até hoje essa equivalência na escrita e principalmente na fala é registrada, afigurando um caráter de preservação de sentido deste verbo, sobretudo no português brasileiro, língua em que o verbo *ter* vem em um processo de suplantação do verbo *haver*, segundo o que nos revela as pesquisas sociolinguísticas já realizadas sobre este fenômeno variacionista.

Callou e Avellar (2012) explicam que a ocorrência verbal de *ter* ocupando função existencial após a queda dos significados anteriormente semelhantes de *ter/haver* começou a ser visto com a redução das flexões verbais no paradigma verbal do PB, que culminou, conseqüentemente, em um problema relacionado ao uso de sujeitos referenciais nulos, limitando os contextos de usos destes (percepção de Duarte (1995) após pesquisa sobre sujeitos nulos) , por exemplo:

PE – ✓ Leu seis livros em um mês

PB – * Leu seis livros em um mês

✓ Você leu seis livros em um mês

No português europeu, é possível a realização de sentenças irrestritas com o sujeito nulo, pois, mesmo sem o preenchimento do sujeito, o falante o interpreta como -ele/ela; porém, o mesmo não acontece com o português brasileiro, cujos falantes necessitam do sujeito preenchido, como visto no exemplo acima.

Contudo, Duarte (1995) afirma que, apesar de o quadro de flexões verbais ter sofrido uma redução e acarretado na restrição dos sujeitos nulos no PB, esse fato não

quer dizer que no PB não há sujeitos nulos, pois ainda acontecem. No entanto, cada vez em menor frequência, uma vez que os falantes têm preferido a realização de sujeitos plenos, isto é, que são preenchidos, expressos nas sentenças.

Segundo Villarinho (2006)

Há alguns anos, os diversos estudos realizados com o objetivo de identificar as diferenças sintáticas entre o Português brasileiro e o Português europeu têm demonstrado algumas transformações com relação à preferência de preenchimento do sujeito no PB (Duarte, 1993, 1995, Kato e Negrão, 2000, entre outros). De uma língua estritamente de sujeito nulo (visto que veio do PE), o PB passou a demonstrar uma preferência significativa pela utilização de plenos. (VILLARINHO, 2006, p.18)

Em relação ao verbo possessivo, segundo Callou e Avelar (2012, p. 228), “seria impossível para um falante do português brasileiro interpretar sentenças de *ter* com sujeitos nulos referenciais como um contexto possessivo”. Exemplo:

- a) PE - ✓ ____ Tem dois carros: um preto e um vermelho (sujeito implícito)
- b) PB - * ____ Tem dois carros: um preto e um vermelho (sujeito implícito)
- c) PB - ✓ Ele tem dois carros: um preto e um vermelho (sujeito explícito)

Para Duarte (1995, p. 22), “essa perda não opera igualmente em todas as pessoas. Na terceira, ela se dá mais lentamente, pelo fato de a recuperação do conteúdo do sujeito nulo contar com reforço da referência externa dos SNs”. Desse modo, para os casos de perdas, a resolução dada pelos falantes para isso foi estabelecer um sentido existencial para os casos de sentenças de sujeito pronominal nulo com verbo possessivo.

Duarte (1995) relata que, nos finais do século XIX, começam a apresentar-se as ocorrências de perdas do sujeito nulo nas sentenças, percebidas nos documentos escritos da época e uma consolidação de *ter* como verbo também existencial, comprovando uma relação acentuada entre os fatos. É de destaque também que, embora a variação verbal de *ter/haver* aconteça no uso real, a gramática tradicional normativa a considera erro gramatical, expondo acepções, empregos e funções distintas para ambos.

3.2 O que as pesquisas sociolinguísticas já realizadas revelaram sobre o fenômeno variacionista em estudo

Vimos anteriormente as acepções verbais de *ter* e *haver* segundo a GT, que postulam como se deve falar a língua, portanto, também como utilizar estes dois verbos. Neste tópico, veremos como, de fato, esses verbos são realizados pelos falantes em contextos reais de uso, por meio do resultado de estudos linguísticos já efetivados. Haja vista que, como viemos discutindo nos tópicos precedentes a este, existe uma diferença que precisa ser discutida linguisticamente, que é o que a gramática normativa tradicional propõe como modelo de língua ideal *versus* a forma como os falantes fazem suas escolhas linguísticas, que, segundo a Sociolinguística, campo teórico que embasa esta pesquisa, são motivadas econômica, social, ideológica e culturalmente.

O fenômeno variacionista de *ter/haver* em contextos existenciais foi estudado pelos linguistas: Mattos e Silva (1996); Gonçalves (2014); Dutra (2000); Avelar (2006); Vitória (2008); cujos resultados destas pesquisas conferimos abaixo.

Os registros linguísticos do português arcaico mostram que os verbos *ser* e *ter* concorrem em contextos existenciais com predominância verbal do *ser* existencial nesta época. Como aponta a pesquisa de Mattos e Silva (1996), que, ao analisar as realizações verbais de *ter/haver* na Carta de Pero Vaz de Caminha, apresenta uma correspondência entre as relações sintáticas e semânticas dos verbos *ter* e *haver*. Sendo que, no latim clássico, era mais usual a variante *ser* concorrendo com o *haver*, e no latim vulgar o verbo *ter* em concorrência com o *haver*. Esse estudo revelou uma predominância da escolha linguística pelo verbo *haver* quando em comparativa com o verbo *ter* em construções existenciais. Pois, cabe salientar que, nesse período, o sentido existencial ainda estava mais atrelado aos verbos *haver* e *ser*, do que ao verbo *ter*. Embora a autora destaque que, já no latim vulgar, é encontrado o *ter* com função existencial. A amostra coletada por Mattos e Silva (1996, p. 184) apontou as seguintes realizações:

Tabela 3 - Ocorrências linguísticas de *Ter* e *Haver* na carta de Caminha

TER	HAYER
Contexto de posse: 21 realizações	Contexto de posse: 10 realizações
Contexto existencial: - realizações	Contexto existencial: 18 realizações
Outros sentidos que não seja de posse ou existência: 6 realizações	Outros sentidos que não seja de posse ou existência: 10 realizações

Fonte: Mattos e Silva (1996, p. 184)

Outro fato interessante que a pesquisa revelou foram as realizações de *haver* com sentido de posse como mostra a tabela 03, em que houve dez ocorrências de *haver* com sentido possessivo, anos após, já não mais existente, uma vez que esse verbo significando posse sofreu um processo de esvaziamento desse significado, apresentando uma dinamicidade da língua a partir das necessidades linguísticas dos usuários. Apesar de atualmente existirem várias pesquisas concernentes à variabilidade das variantes *ter* e *haver*, essa concorrência em contextos existenciais não começou agora, pelo contrário, se inscreve como uma herança, um legado da língua mãe românica, o latim.

Gonçalves (2014, p. 274) mostra, em um estudo diacrônico, as ocorrências de *ser* em construções existenciais do século XIII ao século XVI.

Tabela 4 - Verbo *ser* assumindo significação existencial: uma amostragem por século

SÉCULO VERBO	Ser				Haver			
	N	T	(%)	p. r.	N	T	(%)	p. r.
XIII	23	39	59	0.823	16	39	41	0.177
1300-1349	16	39	41	0.648	23	39	59	0.352
1350-1399	16	37	43,2	0.386	21	37	56,8	0.614
1400-1449	6	21	28,6	0.139	15	21	71,4	0.861
1450-1499	6	17	35,3	0.264	11	17	64,7	0.736
1500-1549	4	16	25	0.338	12	16	75	0.662

Fonte: Gonçalves (2014, p. 272)

A tabela mostra que o peso relativo de “ser” existencial no século XIII até o ano de 1349 o verbo *ser* é mais expressivo, há mais ocorrências do que o verbo *haver* com sentido de existir. Porém, esses dados estatísticos começam a mudar a partir de 1350 até 1549, em que as realizações de *ser* existencial começam a ser suplantadas pelos de “*haver*” existencial, uma vez que, no decorrer dos anos, o verbo “*ser*” sofre um esvaziamento do sentido de existir.

Além do levantamento de dados de ocorrências em concorrência de *ser* e *haver* com significações existenciais, Gonçalves (2014) também registra os pesos relativos das realizações de *ter* e *haver* em construções existenciais em coexistência no mesmo período. Vejamos os resultados apresentados na tabela 05.

Tabela 5 - Ocorrências de *Haver* e *Ter* possessivos por século

SÉCULO VERBO	Haver				Ter			
	N	T	(%)	p. r.	N	T	(%)	p. r.
XIII	105	134	78,4	0.805	29	134	21,6	0.195
1300-1349	46	69	66,7	0.670	23	69	33,3	0.330
1350-1399	61	79	77,2	0.828	18	79	22,8	0.172
1400-1449	62	100	62	0.586	38	100	38	0.414
1450-1499	16	95	16,8	0.191	79	95	83,2	0.809
1500-1549	11	126	8,7	0.112	115	126	91,3	0.888

Fonte: Gonçalves (2014, p. 273)

A tabela mostra que, do século XIII até o ano de 1449, há uma predominância de realizações linguísticas verbais de *haver* com sentido de posse maior que as realizações de *ter* possessivo, isto é, a frequência de uso de *haver* possessivo era mais recorrente, com maior grau de ocorrência do que o verbo *ter* com significação de posse. Só a partir do período de 1450 a 1549 é que houve mudança nesses dados, visto que *ter* possessivo começa a ser mais realizado do que o verbo *haver*.

Isso posto, explicam-se historicamente a variabilidade e a concorrência desses dois verbos em contextos semelhantes no decorrer de todos esses anos, pois essa variação verbal entre *ter/haver* é oriunda de uma história que não é recente, tendo em vista que ambos concorriam com sentido existencial e com sentido possessivo em períodos e décadas diferentes. Segundo a autora, “foi no século XVI

que o verbo *haver* se fixou como verbo existencial canônico do português” (GONÇALVES, 2014, p. 280). À medida que o tempo ia passando, mudanças nos usos desses verbos iam acontecendo de acordo com as necessidades linguísticas dos usuários de cada época.

Em concordância, Nascentes (1953) afirma que

A substituição de *haver* impessoal por *ter* nada apresenta de espantoso. *Haver* foi perdendo esta significação que depois do século XVII a perdeu de todo. Em compensação *ter* foi invadindo a esfera de *haver* a ponto de substituí-lo quase completamente na formação dos tempos compostos. Não admira que usurpasse também a função impessoal (NASCENTES, 1953. p. 163)

Sem dúvidas sobre as acepções desses dois verbos, esvaziamentos de significados e coexistência em contextos iguais e/ou semelhantes desde o latim, Dutra (2000) também realizou um estudo da variação verbal de *ter/haver* em construções existenciais, só que na fala dos soteropolitanos. Confirmamos os resultados desse estudo.

Dutra coletou dados dos participantes da pesquisa distribuídos de acordo com as seguintes variáveis: sexo (feminino x masculino), faixa etária (25 a 35 anos, 46 a 55 anos e mais de 65 anos) e escolarização (nível primário x nível universitário), todos moradores de Salvador - BA.

Tabela 6 - Variação de acordo com as variáveis “sexo” e “escolaridade”

– DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS DOS VERBOS TER E HAVER EM RELAÇÃO AO SEXO NO PRIMÁRIO

SEXO	TER	HAVER
Masculino	61 / 139 43,88%	7 / 10 70,00%
Feminino	78 / 139 56,12%	3 / 10 30,00%

– DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS DOS VERBOS TER E HAVER EM RELAÇÃO AO SEXO NO SUPERIOR

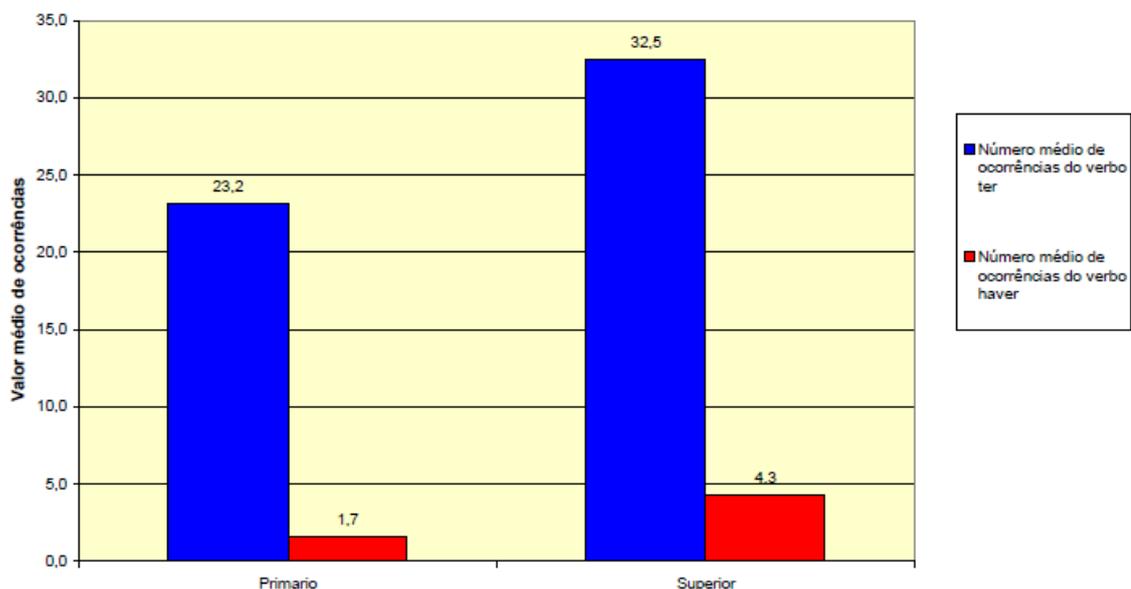
SEXO	TER	HAVER
Masculino	135 / 195 69,23%	15 / 26 57,69%
Feminino	60 / 95 30,77%	11 / 26 42,31%

Fonte: Dutra (2000, p.556)

O resultado das ocorrências de *ter* e *haver* por sexo (masculino e feminino) de nível primário nos mostra que o sexo masculino realiza mais escolhas linguísticas pela variante de prestígio *haver* do que pela variante *ter* em contextos existenciais, enquanto as mulheres realizam mais a variante de estigma com porcentagens de 70,00% *versus* 30,00%, respectivamente para o uso de *haver*. Em relação ao nível superior, não há mudança no cenário e os homens de nível superior, assim como os de nível primário, fazem mais usos de *haver* com sentido existencial do que o *ter* com sentido de “existir”, com percentual de 57,69% *versus* 42,31%, respectivamente para o uso da variante de prestígio *haver*.

Gráfico 1 - Fator escolaridade nas realizações de *ter/haver* existenciais

Influência da variável nível de escolaridade em relação ao emprego dos verbos *ter* e *haver*



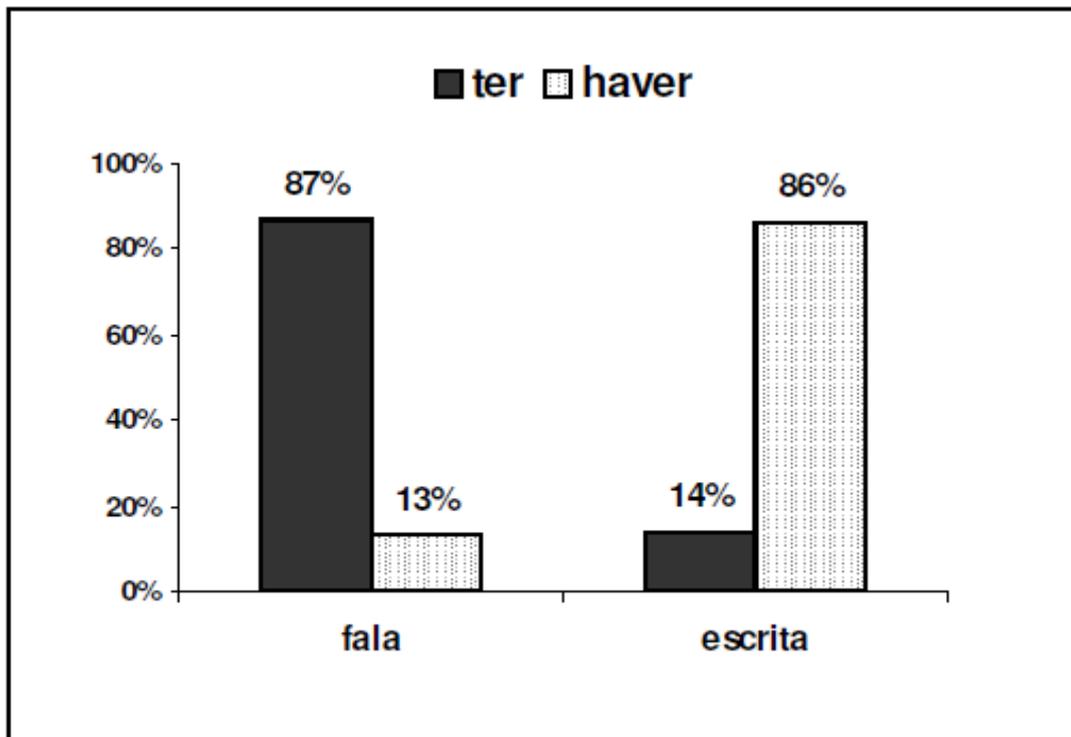
Fonte: Dutra (2000, p. 559)

Por meio da tabela e do gráfico, nota-se, portanto, que a variável escolaridade não influenciou no comportamento linguístico dos falantes soteropolitanos que compuseram a amostra do estudo de Dutra, tendo em vista o valor médio de realizações verbais de *ter* com sentido de existir extremamente superior às realizações do verbo *haver* existencial independente do fator escolaridade, indo de encontro com outras pesquisas sociolinguísticas com o mesmo fenômeno que apontam uma diferença dos usos no nível escolaridade. Nesta pesquisa, esse fator

não foi influenciador para um resultado em comum aos demais estudos, visto que apresentou um resultado diferente.

Avelar (2006) estudou a variação verbal de *ter/haver* em construções existenciais nas modalidades escrita e oral entre os anos 1980 a 2005, argumentando que esta se dá por meio da estabilidade de duas gramáticas distintas (a internalizada e a influenciada norma culta) que ele chama respectivamente de gramática nuclear e gramática periférica. Para isso, coletou-se “511 dados de fontes escritas (140 construções existenciais e 371 adjuntos adnominais) e 1.010 de língua falada (511 construções existenciais e 499 adjuntos adnominais)”, apresentando o seguinte resultado:

Gráfico 2 - Ocorrências da variação *ter/haver* existenciais na fala e na escrita



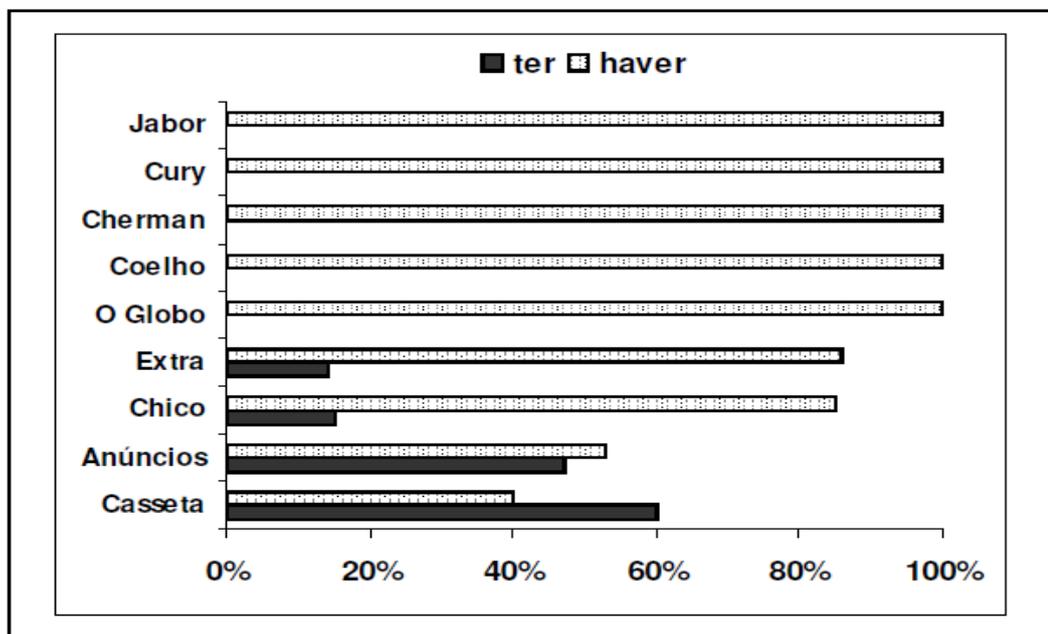
Fonte: Avelar (2006, p. 108)

No gráfico acima, há uma diferença considerável em relação a frequência de realizações nas modalidades “falada” e “escrita”, em que na fala o verbo *ter* existencial ocorre em 87% das realizações contra 13% de *haver* existencial na fala. No entanto, os dados alteram quando se visualiza a modalidade escrita, em que o *ter* deixa de ser o verbo com sentido existencial preferido com apenas 14% das realizações e o *haver* passa a ser o verbo mais utilizado com 86% das ocorrências.

Esse fato corrobora para o argumento de que não tendemos a nos monitorarmos na fala real espontânea, mas, quando utilizamos a modalidade escrita, tendemos a policiar os usos linguísticos a fim de usar mais as variantes socialmente prestigiadas em detrimento das variantes estigmatizadas. Isto é, a diferença da variável “modalidade” apresentou o resultado de que, na fala, utilizamos as formas naturais da nossa gramática internalizada, enquanto, na escrita, refletimos sobre qual uso é o mais “adequado” seguindo as prescrições de variantes “ideais” e as normas de realizações “aceitáveis” da gramática tradicional, as quais aprendemos no processo de escolarização.

Quanto a variação no fator “faixa etária”, o resultado foi o seguinte:

Gráfico 3 - Variação *ter/haver* existenciais na escrita por faixa etária



Fonte: Avelar (2006, p. 110)

O gráfico revela que o uso de *ter* existencial é mais frequente na fala enquanto do *haver* é recorrente na escrita. Porém, a análise da escrita demonstra também que em muitos casos os jornais, veículos que utilizam mais a norma culta/ideal do que a real/popular, também empregam o uso de *ter* quando vão representar a fala de alguém ou de algum personagem de história em conversações/diálogos, como é o caso do Jornal Extra, do Casseta, dos Anúncios analisados e do jornal Chico. Em paralelo, os

demais se mostraram mais conservadores na escrita utilizado o que a gramática normativa tradicional prescreve como mais adequado.

No que tange ao condicionamento para o resultado destas realizações, Avelar (2006) afirma que

O Goldvarb não apontou condicionamento algum de ordem intralinguística para *ter/haver*. Se pensarmos então em termos da oposição *gramática nuclear vs gramática periférica*, é plausível considerar que são elementos da periferia os que estão entrando em jogo para determinar essa variação. Os fatores extralinguísticos apontados dão sustento à ideia de que *haver* é uma variante de prestígio, sendo a forma preferida na língua escrita, muito embora não haja qualquer estigma para o uso de *ter* na língua falada (pelo menos, no meu dialeto). (AVELAR, 2006, p. 111)

Desse modo, o resultado dessa pesquisa sociolinguística apresentou um distanciamento de realizações entre as modalidades falada, com mais frequência do verbo *ter* existencial, e a modalidade escrita, ainda conservadora com mais usos de *haver* existencial, embora também encontremos casos com frequências de *ter* com sentido de existir.

Vitório (2008) analisou a variação verbal de *ter/haver* existenciais na modalidade escrita de estudantes nos níveis de ensino fundamental (8ª série) e médio (3ª série), na capital Maceió - AL. Para este estudo, além da variável escolaridade, utilizou-se também a variável sexo (feminino e masculino). Em cada célula foram categorizados 10 participantes da pesquisa e 40 produções textuais. Totalizando 40 alunos participantes e 160 produções escritas, no que resultaram 108 ocorrências de *ter/haver* existenciais, como se pode conferir abaixo:

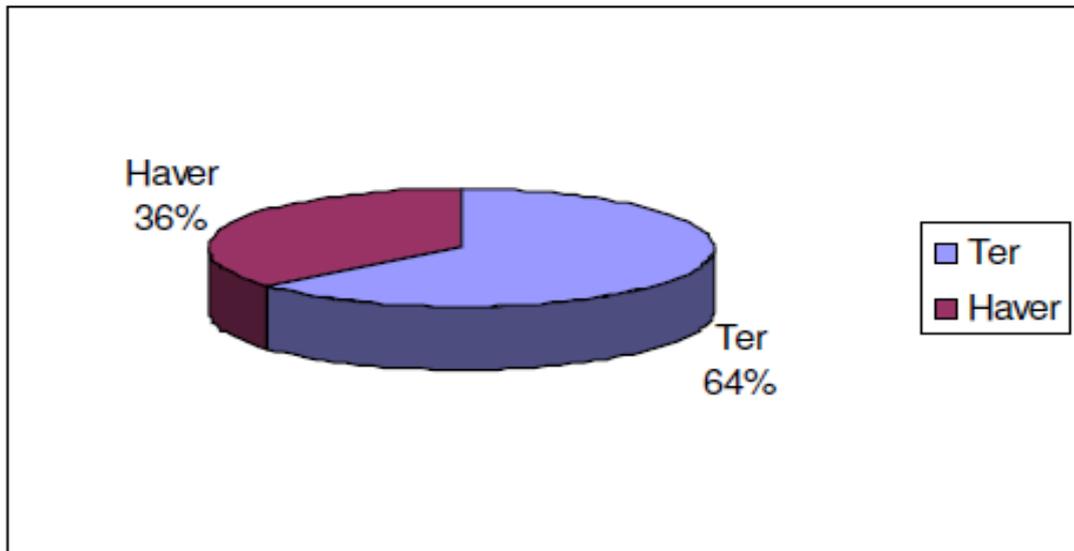
Tabela 7 - Ocorrências de *ter* e *haver* existenciais nas produções escritas dos alunos

Variantes	Total de ocorrências	Percentuais
Ter	69	64%
Haver	39	36%
Total	108	100%

Fonte: Vitório (2008, p. 84)

Os resultados encontrados deste estudo foram os seguintes:

Gráfico 4 - Ocorrências de *ter* e *haver* existenciais nas produções textuais dos alunos da 8ª série do ensino fundamental e 3º ano do ensino médio



Fonte: Vitório (2008, p. 85)

Como disposto na tabela e representado no gráfico, realizou-se 108 ocorrências dos verbos *ter* e *haver* em contexto existencial, apontando a existência da variação em estudo, além de apresentar uma frequência maior de realizações de *ter* existencial, sendo destas 108, apenas 36% de usos de *haver* e 64% de usos linguísticos de *ter*.

Para este estudo, foram levados em consideração sete grupos de fatores sugeridos como potenciais influenciadores para essa variação. Os fatores levantados como significativos por ordem de relevância foram: escolaridade de nível fundamental (79% *ter* vs. 21% *haver*), escolaridade de nível médio (45% *ter* vs. 55% *haver*) única variável social que apontou uma maior realização pela variante de prestígio com o crescente de nível de escolarização (fato já comparado também em outras pesquisas sociolinguísticas); e tempo verbal, única variável linguística influenciadora na variação registrando a escolha linguística pelo *ter* existencial com maior frequência no presente do que no passado, apesar de ainda se sobressair ao uso de *haver* no passado, neste (56% *ter* vs. 44% *haver*), no presente (72% *ter* vs. 28% *haver*).

Os fatores não significativos foram: tipo textual, pois não houve disparidade entre os usos em relação as narrativas (62% *ter* vs. 38% *haver*) e as dissertações (67% vs. 33%); sexo, visto que tanto os homens (65% *ter* vs. 35% *haver*) quanto as mulheres (63% *ter* vs. 36% *haver*) apresentaram dados semelhantes; natureza do Sintagma Nominal objeto concreto (70% *ter* vs. 30% *haver*) e SN objeto abstrato (56% *ter* vs. 44% *haver*); tema textual experiência pessoal (62% *ter* vs. 38% *haver*), tema textual

experiência não pessoal (67% *ter* vs. 33% *haver*); animacidade do Sintagma Nominal objeto animado (76% *ter* vs. 24% *haver*) e, por fim, animacidade do Sintagma Nominal objeto inanimado (56% *ter* vs. 44% *haver*)

A pesquisa de Vítório (2008) revelou que, apesar de teoricamente existir constatações de um uso mais monitorado na modalidade escrita, para esta variação, com as duas turmas acompanhadas, não se obteve um resultado favorável nesta direção, haja vista que o resultado dos dados indicou uma maior recorrência de *ter* na escrita do que da variante conservadora *haver*, como pudemos conferir nos dados acima.

Diante das pesquisas expostas, cada qual com seus objetivos, alguns distintos uns dos outros, mas todos com a mesma base teórica sociolinguística com a finalidade de fazer perceber a língua por um olhar científico que não seja intolerante, nem prescritivo, que a vislumbre como de natureza diversa, dinâmica e mutável, sem nenhum tipo de preconceitos, uma vez que as construções não sendo agramaticais, são realizáveis na língua tendo em vista as possibilidades de arranjos e rearranjos que as normas da própria gramática internalizada propicia.

Desse modo, por meio das pesquisas já realizadas sobre o fenômeno variacionista supracitado, confirmamos que os falantes ao decorrer do tempo e do espaço, modificam as estruturas linguísticas a partir de suas necessidades, que linguisticamente não há nada de surpreendente ou surreal.

4 CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE DE FALA ESTUDADA: ASPECTOS SOCIOCULTURAIS

“Qualquer indivíduo membro de uma comunidade deve adquirir muito mais do que os traços formais ou estruturais de sua língua. Ele deve passar por um processo de socialização — obter um conhecimento dos valores sociais e culturais de sua sociedade, subordinando-se às limitações impostas por ela ao seu comportamento, inclusive o linguístico”. (DUTRA, 2012, p. 555)

A comunidade de fala pesquisada fica localizada em um povoado do interior do município de Canindé de São Francisco – SE. A Faixa, comunidade em estudo, possui cerca de quarenta (40) habitantes, em sua maioria pessoas jovens e adultas; pouquíssimos idosos. O povoado fica distante do município de Canindé, aproximadamente uma hora e vinte minutos de carro, cuja capital do município de Canindé, Aracaju, fica a 198,7 km de distância.

É uma comunidade quase inteiramente familiar onde todos se conhecem. As casas não são tão próximas, visto que são fazendas e os terrenos são medidos por tarefas (medida agrária constituída por terras) impedem essa proximidade, cada tarefa equivale a cerca de 3.025 m².

Podemos encontrar exemplos de trabalhos em comunidades pequenas sobre o Português Brasileiro em Santos (2010), Souza (2017), Souza (2018), entre outros.

A escolha de fazer a pesquisa em uma comunidade pequena se justifica com o fato de

Os estudos empíricos indicarem que as cidades sempre foram os centros inovadores e como, no passado, boa parte das cidades era de pequeno porte, o estudo de mudanças linguísticas em pequenas comunidades atuais pode contribuir para uma melhor compreensão do passado. (FARACO, 2005, p. 192)

Figura 1 - Casas de participantes da pesquisa



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Figura 2 - Residência de outros participantes

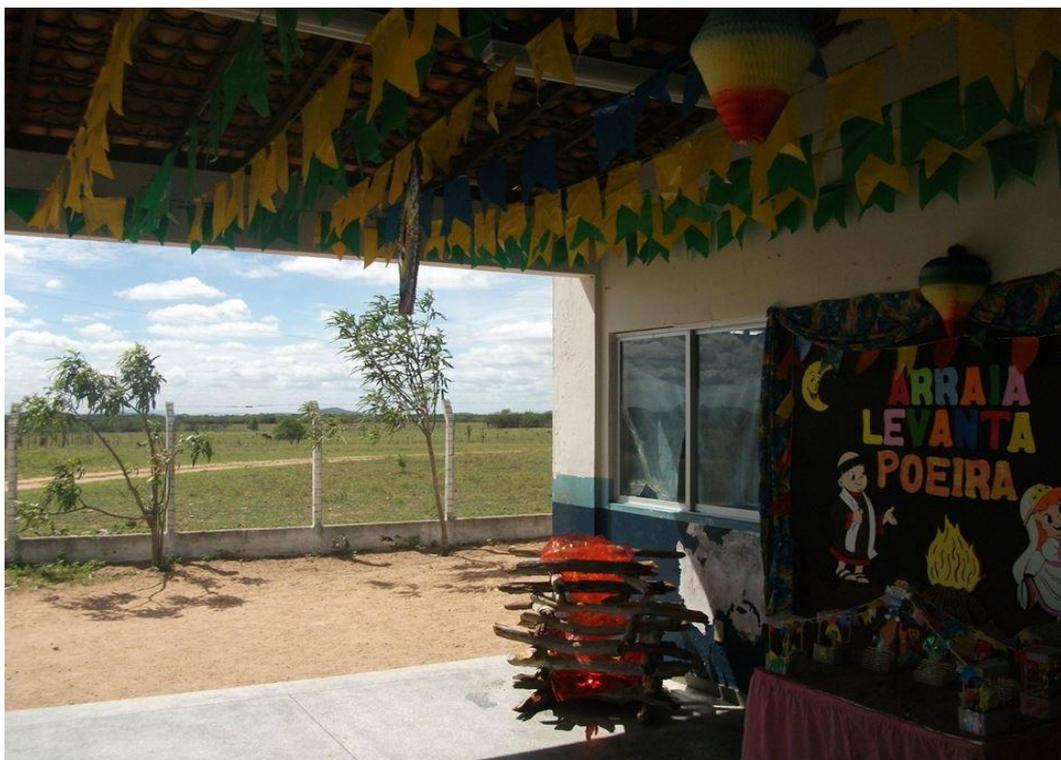


Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

De classe social baixa, os moradores homens adultos e jovens são bastante humildes. Suas atividades econômicas se configuram em trabalhar na roça, tirar leite de vacas, cuidar de gados, limpar terreno, tirar mel de abelha, fazer carvão e demais atividades que surgem no campo. Já as mulheres trabalham em suas próprias casas, limpando suas residências, preparando as refeições, cuidando de filhos pequenos e dependem exclusivamente da renda de seus esposos.

Na comunidade não há nenhum tipo de comércio por perto. Há vendedores que passam uma vez por semana vendendo verduras, frutas, pães em carros ou motos. Não há nenhuma unidade de saúde próxima e escolas só em outros povoados, como a Escola Municipal João Marinho dos Santos, localizada em um prédio na Fazenda Fortaleza, cerca de 11km, aproximadamente treze minutos de ônibus do povoado para a escola. Com quatro salas, a escola oferta a pré-escola para alunos de quatro a cinco anos e o ensino fundamental completo, na modalidade de ensino regular.

Figura 3 - Escola Municipal João Marinho dos Santos



Fonte: página de rede social da escola

As escolas dos povoados mais próximos à Faixa, do povoado Curituba e do povoado Capim Grosso, só ofertam até o nono ano do ensino fundamental. Quando

os alunos concluem o ensino fundamental, têm que ir para Canindé à noite, em ônibus cedido pela prefeitura do município, para estudar o ensino médio. De acordo com os moradores, muitos alunos param de estudar no ensino fundamental, alguns chegam a estudar o ensino médio em Canindé, mas nem todos que começam concluem o ensino médio. A evasão escolar é maior no ensino médio e o ensino superior é uma realidade ainda mais distante devido às dificuldades enfrentadas.

Não há qualquer tipo de festejo na comunidade. Também não há nenhuma associação de moradores ou representantes destes que corram atrás de melhorias para o local. Não há igreja física construída no lugar, porém recentemente um morador tornou-se evangélico e começou a promover cultos em sua residência, alguns moradores vizinhos têm ido assistir às celebrações e ouvir a “Palavra”.

Ao serem perguntados nas entrevistas se tivessem oportunidade de morar em outro lugar se iriam, os moradores, em unanimidade, responderam sem hesitar que “sim”; “com certeza”, iriam para um lugar melhor.

No verão, a prefeitura auxilia com carro pipa para encher as cisternas dos terrenos. Esta implementação é oriunda de um desenvolvimento da comunidade promovida pelo governo federal, visto que, antes, há alguns anos, não havia cisterna nos terrenos. No entanto, alguns prefeitos, em seus mandatos em Canindé, mandam água e outros não... Quando muda de prefeito e o que entra não coloca mais água, a população precisa comprar água. Segundo os próprios entrevistados, há duas opções para a compra de água: comprar água de fontes próximas a Faixa por um valor menor, cerca de 60 a 70 reais, ou comprar a água que vem do rio por um valor superior, cerca de 100 reais. Geralmente optam pela segunda opção pelo custo benefício, por ser mais barato e pela fonte de água ser mais próxima da Faixa.

As casas de barro foram substituídas por casas de tijolos, foram construídas cisternas e foi promovido o acesso à energia elétrica a partir do projeto “Luz para Todos” nas zonas rurais, projetos sociais estes que oportunizaram uma moradia mais dignamente humana.

Abaixo estão imagens fotográficas da implementação de cisternas e de uma das barragens, que fica cheia quando chove:

Figura 4 - Cisternas implantadas nos terrenos da Faixa



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Apesar de no verão a prefeitura disponibilizar caminhão pipa ofertando água para encher as cisternas nos terrenos, a água acaba rápido porque se utiliza da mesma água para dar também aos animais, além de suprir as necessidades dos moradores, que acabam comprando água depois, quando a que foi cedida pelo município não é suficiente pra suprir todas as necessidades. No inverno, os animais bebem água nas barragens e as cisternas ficam para uso exclusivo dos moradores. As rotinas na Faixa são totalmente diferentes na estação do verão intenso sem chuvas e na estação de inverno, quando há chuvas.

Figura 5 - Barragem cheia após chuvas intensas de inverno, onde os animais bebem água



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Há várias barragens nos terrenos e, quando não há fortes chuvas durante o ano para enchê-las, elas ficam totalmente vazias. Assim, os animais ficam dependentes dos moradores para saciar a sede, que compram água e enchem os cochos para as necessidades do gado.

No inverno, os moradores plantam milho, palma e capim para o gado. Neste ano, houve inverno rigoroso e todos os terrenos estão com comida para o gado, como ilustrado na imagem seguinte:

Figura 6 - Plantação de milho, palma e capim para o gado



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Com a palma, os moradores pinicam para o gado comer, o milho utiliza para moer e fazer ração, ambos para o verão. No inverno, os animais comem capim nos pastos, como na imagem abaixo:

Figura 7 - Animais comendo capim no pasto após inverno



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Abaixo, segue imagem fotográfica de uma casa de barro, realidade de toda a comunidade anos atrás ao lado de uma casa de tijolo depois de projeto social do governo, citado anteriormente.

Figura 8 - Casa de barro ao lado da casa construída de cimento.²



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

² Essa foi a única casa da Faixa que não derrubaram a de barro ao construir a nova de tijolo. OBS: na casa de barro não há morador, serve apenas como depósito

Durante a semana, a rotina é sempre a mesma: os homens acordam cedo para trabalhar na roça e as mulheres acordam cedo pra preparar o café da manhã. Após a primeira refeição, os homens vão ao trabalho na roça e as mulheres seguem fazendo o trabalho doméstico em suas casas e preparam o almoço para a volta dos seus esposos ao meio-dia. Ao terminar o almoço, os homens voltam para a roça e as mulheres continuam o trabalho doméstico e preparam a janta.

Figura 9 - Um dos participantes da pesquisa trabalhando



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Os moradores costumam dormir cedo, o mais tarde é às 22h30min quando a novela das nove acaba e alguns acompanham os capítulos. Fora das casas, há uma vasta escuridão na estrada, um frio intenso e o som mais estridente é dos grilos no período noturno. Aos sábados, os moradores vão à feira no município de Santa Brígida-BA de carro fretado, cerca de quinze minutos, aproximadamente 15 km. O dia a dia dos moradores segue sempre o mesmo ciclo.

A tranquilidade, sossego e calma tão anunciada pelos moradores como ponto positivo durante as entrevistas promovem um silêncio quase que ensurdecedor para quem não está acostumado com tamanha quietude.

5 DESCRIÇÃO, ANÁLISE E EXPLICAÇÃO DOS DADOS LINGÜÍSTICOS DA VARIACÃO DOS VERBOS *TER* E *HAYER* NAS SENTENÇAS EXISTENCIAIS DA FALA DOS MORADORES DO POVOADO FAIXA EM CANINDÉ DE SÃO FRANCISCO – SE

Este capítulo apresentará a pesquisa sociolinguística em campo sobre o fenômeno linguístico variacionista *ter* e *haver* em contextos existenciais na modalidade falada pelos moradores do povoado Faixa, localizado em Canindé de São Francisco – SE, detalhando cada procedimento para a constituição do escopo desse estudo variacionista.

Após o processo de seleção dos participantes, da gravação em áudio, transcrição, rodadas de dados em programa computacional, realizou-se a descrição e explicação linguística dos resultados alcançados a partir dos objetivos propostos neste estudo, tais quais: compreender a variação do fenômeno em estudo a partir da teoria Sociolinguística Laboviana; além de verificar se há variação no uso dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais no povoado Faixa; constatar a estrutura de maior ocorrência; descrever os fatores linguísticos e/ou sociais que influenciaram o uso dessas formas; diagnosticar se a variação estudada reflete em variação estável ou em mudança em progresso; e, finalmente, avaliar o que pensam os participantes da pesquisa sobre o uso dessas variantes em contextos existenciais.

Dessa forma, para este trabalho foram consideradas as variáveis de sexo (masculino e feminino) e faixa etária (20-41 anos e +41) dispostas em quatro células com três participantes em cada, totalizando doze sujeitos que participaram de forma colaborativa, sem nenhum tipo de ganho remunerativo, apenas por vontade própria e que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, doravante TCLE, aprovando a participação e o fornecimento de dados da fala para este estudo de forma voluntária e permitindo o uso destes, obtidos por meio da entrevistas gravadas com um aparelho de áudio, cujas perguntas foram direcionadas pelo questionário-guia em anexo nesta investigação.

5.1 Variável dependente

Entendendo que a variável dependente verbal existencial, *ter* e *haver*, não ocorre por acaso, analisamos 122 realizações, dados obtidos espontaneamente por

meio da modalidade falada pelos moradores do povoado Faixa – SE. Os resultados totais foram os seguintes:

Tabela 8 - Dados totais da coleta realizada para este estudo

Variantes	Total de ocorrências	Percentuais
Ter	114	93.4%
Haver	8	6.6%
Total	122	100%

Fonte: Pesquisadora deste estudo

De acordo com o ilustrado acima, ao analisarmos o comportamento variacionista de *ter* e *haver* existenciais, obtivemos 122 realizações das variantes *ter* e *haver* em concorrência, sendo 114 realizações do verbo *ter* com sentido de existir e apenas 8 ocorrências do verbo *haver* existencial.

Gráfico 5 - Ocorrências totais de *ter* e *haver* existenciais na fala dos moradores da Faixa



Fonte: Pesquisadora deste estudo

Seguem exemplos de falas coletadas nas entrevistas com ocorrências de *ter* e *haver* existenciais:

(T2SPC) “Uma ‘biciquetinha’ ainda existia quando ‘nóis’ chegou aqui, mas moto não existia ainda não. Agora tá bom, **tem** moto...”

(T2SPC) “**Tem** ‘as bica’, aí quando chove a água desce no cano e cai lá dentro” [da cisterna].

(T2SPA) “Inverno quase não **tem**. Veio dar bom esse ano, né?!”

(T2SRC) “Não **tinha** ‘cinterna’ antigamente em nenhum terreno daqui”.

(T2SRC) “Antigamente nem energia **tinha** aqui no interior, era um ‘sacrifíci’... misericórdia!”

(H1SRA) “Que eu lembre nunca **houve** nenhum momento que fiquei com muito medo”.

Os resultados alcançados revelaram não apenas que há a variação de *ter* e *haver* existenciais na fala dos moradores do povoado Faixa - SE, como também indicou que a variante *ter* é significativamente mais expressiva do que a variante *haver* em construções existenciais nesta comunidade linguística.

Esses dados coincidem com os estudos já realizados sobre o fenômeno variacionista estudado, como os de Dutra (2000), Callou e Avelar (2000), Avelar (2006), Vitorio (2008), Oliveira (2014) e outros, cujas pesquisas apontaram a variação em coexistência entre *ter* e *haver* existenciais e a predominância verbal de *ter* em comparação com o verbo *haver*.

Para Dutra (2012, p. 552),

O processo de esvaziamento semântico de *haver*, que se efetivou no século XVI, criou condições para que o verbo *ter* invadisse a esfera da oração existencial que era privativa de *haver*.

A língua falada, evoluindo mais rápido que a escrita, sentiu a necessidade de alternar completamente *haver* por *ter*, uma vez que a primeira forma verbal, por ter perdido sua acepção, dificultava a comunicação. O verbo *haver* confundia-se foneticamente no presente do indicativo com o artigo *a* e, no perfeito, com o verbo *ouvir*. (DUTRA, 2012, P. 552).

Desse modo, as pesquisas realizadas sobre o fenômeno investigado reafirmam o processo de esvaziamento semântico de *haver* com sentido existencial, citado por Dutra (2012), e, conseqüentemente, o preenchimento semântico de existência ao verbo *ter*, que, além dos seus significados, inclusive o de posse, agregou mais um: o existencial.

Para a realização dos resultados estatísticos, utilizamos o programa computacional GOLDVARB X, cujo programa rodou todos os dados colhidos em entrevista na modalidade oral.

Estes dados sobre as variáveis linguísticas e extralinguísticas/sociais serão descritos e explicados no tópico seguinte, ilustrados em tabelas e gráficos.

5.2 Variáveis linguísticas e sociais

Entendendo que as escolhas linguísticas são motivadas linguisticamente e socialmente, selecionamos os fatores: tempo verbal (passado e presente) e Natureza do SN Objeto (concreto e abstrato) como variáveis linguísticas; e, sexo (feminino e masculino) e faixa etária (20-40 anos e +40) como variáveis sociais enquanto condicionadoras de uma variante ou outra, a saber: *ter* ou *haver* existenciais.

A primeira variável linguística supracitada, o tempo verbal, constituído pelos fatores “passado” e “presente”, foi escolhida, a fim de analisarmos se há manifestação de escolha linguística com maior ocorrência de alguma variante em que a construção linguística com sentido existencial seja condicionada a partir do tempo expresso.

Já a segunda variável linguística, natureza do SN objeto, se concreto ou abstrato, classificados em substantivo concreto e substantivo abstrato, foi escolhida com a finalidade de observarmos se há influência destes nas escolhas das variantes realizadas. Entendendo, à lá gramática tradicional, o substantivo concreto “Os que designam seres de existência real ou que a imaginação apresenta como tais: avô, mulher, pedra, leão, alma, fada, lobisomem” (CEGALLA, 1985, p. 130), e abstrato como os substantivos “que designam qualidades, sentimentos, ações ou estados dos seres, dos quais se podem abstrair (=separar) e sem os quais não podem existir: esforço, coragem, amor, vida” (CEGALLA, 1985, p. 130-131).

A variável social sexo foi escolhida como um fator que possivelmente influenciaria no uso de uma variante ou outra, porque pesquisas sociolinguísticas têm revelado que os usos linguísticos divergem quanto ao sexo do sujeito, contribuindo em relação à atuação de implementadores variacionistas e de mudanças linguísticas. William Labov (1990) acentua que as mulheres tendem a utilizar variantes não estigmatizadas socialmente em processos de variação estável. No entanto, em processos de mudança linguística, o sexo feminino tende a utilizar mais a variante

inovadora, que também não é estigmatizada no fenômeno variacionista em estudo. Desse modo, queremos saber o comportamento linguístico da variável “sexo” nessa pesquisa.

E, por fim, o quarto fator, a variável social faixa etária, foi escolhido porque esta variável pode apresentar um comportamento de variação estável ou mudança em curso a partir da seleção de faixas etárias entre sujeitos mais jovens e sujeitos mais idosos, uma vez que pesquisas sociolinguísticas já mostraram que uma variante inovadora utilizada por grupos mais jovens pode suplantiar uma variante conservadora ou uma variante conservadora coexistir com uma inovadora em um processo estável de variação, por exemplo, Avelar (2006) e Oliveira (2014). Portanto, queremos saber se nessa pesquisa esse fator influenciará na escolha linguística da variante com mais ocorrências.

Na rodada dos dados, dos quatro fatores supracitados, no programa computacional GoldVarb X, apenas um foi considerado significativo, a saber, o fator social “faixa etária”. No entanto, apesar de os demais fatores terem sido considerados não significativos, avaliamos de suma importância todos os resultados encontrados para melhor compreensão do comportamento variável dos verbos *ter* e *haver* em sentenças existenciais.

Em relação aos dados linguísticos, a análise estatística apresentou o seguinte resultado para a variável de Tempo Verbal:

Tabela 9 - Dados estatísticos do fator tempo verbal

Tempo verbal	Ter existencial	Haver existencial
	Aplic./Total/ Percentual	Aplic./Total/ Percentual
Passado	29/30 96.7%	1/30 3.3%
Presente	85/92 92.4%	7/92 7.6%

Fonte: Pesquisadora deste estudo

Presente: **(T2SPA)** “**Tem** dias que compra água”.

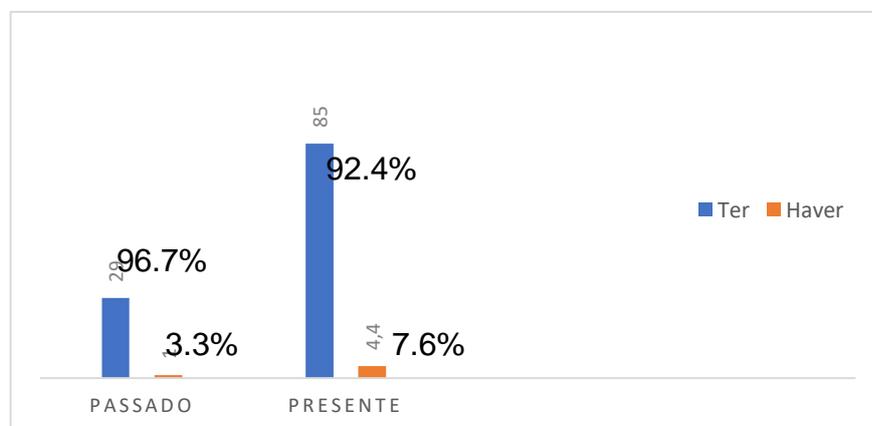
Passado: **(T2SRC)** “Não **tinha** muita ‘zuada’”.

Passado: **(H1SRA)** “Que eu lembre nunca **houve**”.

Como ilustrado na tabela, *ter* existencial no “passado” obteve 29 realizações em contraste com apenas 1 realização de *haver* existencial; e, no tempo “presente”, o *ter* existencial obteve 85 realizações contra 7 da variante *haver*.

De acordo com os dados obtidos, o resultado alcançado apresenta que, no tempo “presente”, *ter* se mostra mais expressivo do que no tempo “passado”, embora, em ambos os casos, o *ter* existencial seja mais realizado do que o *haver* existencial; concordando com a pesquisa de Vitório (2008) em que no tempo “presente” o *ter* ganhou mais força em número de realizações em relação ao “passado”, com 72% de realizações de *ter* contra 28% de *haver* no tempo “presente” e 56%, contra 44% no tempo “passado” de *ter* e *haver*. Porém, apesar de *ter* se apresentar com mais expressividade em relação ao verbo *haver*, este fator foi considerado não significativo na amostra coletada.

Gráfico 6 - Dados estatísticos do fator tempo verbal



Fonte: Pesquisadora deste estudo

O resultado dessa aplicação confirma a hipótese de que o *ter* seria mais realizado que o verbo *haver* no tempo presente, corroborando com o que Callou e Avelar (2000) pontuam de que estruturas existenciais no tempo presente possuem mais probabilidade de ocorrências da variante inovadora *ter* existencial em relação ao passado, apesar de neste estudo este fator ter sido considerado não significativo.

Em relação ao segundo fator linguístico, “Natureza do SN objeto”, se “concreto” ou “abstrato”, o resultado das realizações verbais existenciais foi o seguinte:

Tabela 10 - Dados estatísticos do fator Natureza do SN objeto

Natureza do SN objeto	Ter existencial		Haver existencial	
	Aplic./Total/	Percentual	Aplic./Total/	Percentual
Concreto	91/97	93.8%	6/97	6.2%
Abstrato	23/25	92.0%	2/25	8.0%

Fonte: Pesquisadora deste estudo

(T2SPA) “Os animais... **tem** dias que compra ‘água’.” (moradora falando sobre quando falta água no verão eles compram para os animais porque a água da cisterna, quando pouca, só é suficiente para os moradores).

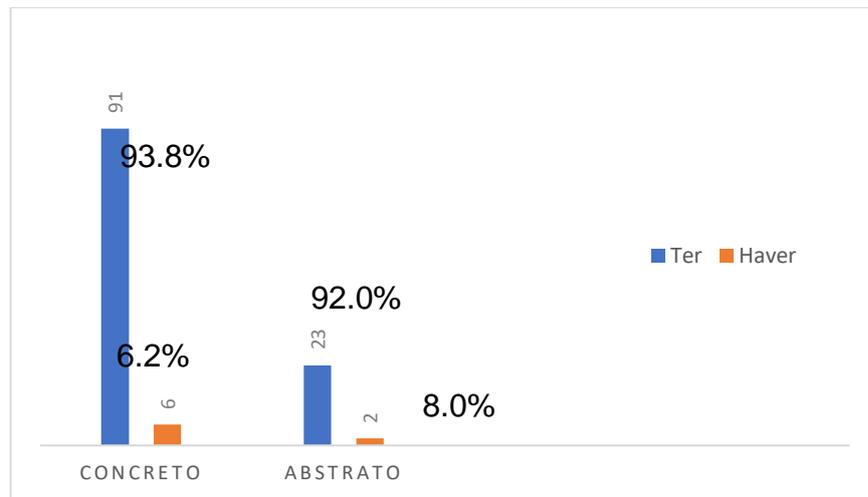
(T2SPC) “**Tem** um menino andando de bicicleta”. (Escolha de uma oração entre duas, uma com *ter* e outra com *haver*, sobre a avaliação dos moradores concernente ao que consideram melhor/mais correto acerca do fenômeno em estudo).

(H1SPC) “**Há** um menino andando de bicicleta”. (Escolha de uma oração entre duas, uma com *ter* e outra com *haver*, sobre a avaliação dos moradores concernente ao que consideram melhor/mais correto acerca do fenômeno em estudo).

A tabela mostra que, no fator “Natureza do SN”, “Objeto Concreto”, o verbo *ter* existencial ocorre em 91 de 97 casos de realizações, com porcentagem de 93.8% contra 6 ocorrências de 97 do verbo *haver* existencial, com porcentagem de 6.2%, enquanto, no fator “Natureza do SN Objeto abstrato”, o verbo *ter* existencial ocorre em 23 de 25 casos de realizações, com porcentagem de 92%, por outro lado, o verbo *haver* ocorre em apenas 2 de 25 casos de realizações, com porcentagem de 8%.

Em ambos os casos, “Natureza do SN objeto concreto” e “abstrato”, estruturas com o *ter* existencial se apresenta como o mais predominante em paralelo ao *haver* existencial, concordando com o resultado de Vítório (2008), em que, apesar de o *ter* também ter prevalecido em número de ocorrências nos dois casos, o verbo *haver* se mostrou mais ascendente na Natureza do SN abstrato, Dutra (2000), em seu estudo, também mostrou que os objetos abstratos promovem o uso de *haver* de forma menos sensível que os objetos concretos. O que indica que o verbo *ter* existencial se mostra mais expressivo quando o SN objeto é concreto e o verbo *haver* mais selecionado quando o SN objeto é abstrato.

porém, em ambos os estudos, esse fator foi considerado não significativo na análise dos dados pelo baixo peso relativo alcançado na rodada de dados.

Gráfico 7 - Dados estatísticos do fator Natureza do SN objeto

Fonte: coleta de dados na comunidade de fala Faixa - SE e rodada de dados no programa computacional GOLDVARB X

Quanto às variáveis extralinguísticas, também chamadas de sociais, os resultados foram os seguintes:

Tabela 11 - Dados estatísticos do fator sexo

Sexo/gênero	Ter existencial		Haver existencial	
	Aplic./Total/	Percentual	Aplic./Total/	Percentual
Feminino	77/82	93.9%	5/82	6.1%
Masculino	37/40	92.5 %	3/40	7.5%

Fonte: Pesquisadora deste estudo

Feminino - (T2SPC) “Não, **tem** a cisterna que agora a gente tá pegando da água da telha né?!”

Masculino - (T2MRA) “Não **teve** nada disso. depois de ‘uns tempo’ foi que foi melhorando mais, aparecendo essas coisas... uma coisa e ‘ôta’, mas no começo era tudo ‘disajeitado’”.

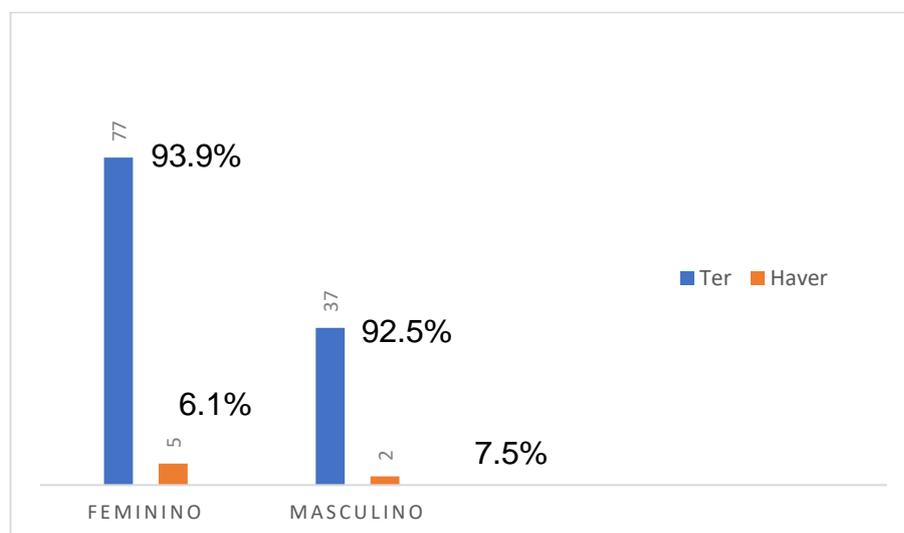
Como visto na tabela 11, tanto no fator “sexo feminino”, quanto no “masculino”, o verbo *ter* existencial se sobressaiu contra o verbo *haver* existencial, em que o *ter* com o sentido de “existir” realizou 77 ocorrência de 82, alcançando 93.9% de realizações contra 5 realizações de *haver* existencial com porcentagem de 6.1% para

o “sexo feminino”, enquanto para o “sexo masculino” ocorreram 37 realizações de 40, com porcentagem de 92.5% do *ter* existencial contra 3 ocorrências de 40 do verbo *haver*. No entanto, pelos dados acima, no “sexo feminino”, houve mais realizações de *ter* existencial do que o “sexo masculino”. Isso significou que as mulheres tendem a usar mais a variante inovadora enquanto o sexo masculino utilizou mais a variante conservadora, fato este justificado por Paiva (2003) que afirma que os papéis sociais exercidos diferentemente por homens e mulheres em cada comunidade influencia nos usos linguísticos desses dois grupos também de modo diferente.

Apesar de as pesquisas socio-variacionistas indicarem que a variável sexo/gênero serem significativas, para este estudo, esse fator não foi considerado significativo na rodada dos dados do programa computacional GoldVarb X.

Vejamos o gráfico que representa esses dados:

Gráfico 8 - Dados estatísticos do fator sexo/gênero



Fonte: Pesquisadora deste estudo

Este resultado corrobora com o alcançado por Vitório (2008), uma vez que no seu estudo o fator “sexo” não foi uma variável social significativa na análise dos dados, visto que houve uma neutralidade em relação aos resultados das variantes *ter* e *haver* existenciais, o que mostrou que não há uma influência de um sobre o outro. Embora neste trabalho o verbo *ter* se sobressaiu sobre o *haver* (indicando que as mulheres dessa comunidade são mais sensíveis à variação do que os homens), assim como no estudo de Vitório (2008), este fator também foi considerado não significativo no *corpus*.

Apesar de estudos sociolinguísticos apontarem a variável sexo como um dos fatores que condicionam a heterogeneidade e a variabilidade da língua, nossos dados mostram que para a variação em estudo esta variável apresenta-se dentro da escala de neutralidade, indicando assim que a variação *ter* e *haver* existenciais analisada ocorre sem distinção de sexo. Nossos números apontam que o verbo *ter* é usado em 65% pelos alunos do sexo masculino contra 63% pelos alunos de sexo feminino, enquanto que o verbo *haver* apresenta 35% para o fator masculino e 37% para o fator feminino, (VITÓRIO, 2008, p. 109).

No que tange aos resultados do fator “faixa etária” obtivemos os resultados seguintes:

Tabela 12 - Dados estatísticos do fator faixa etária

Faixa etária	Ter existencial	Haver existencial
	Aplic./Total/ Percentual	Aplic./Total/ Percentual
20-40 anos	58/65 89.2%	7/65 10.8%
+41 anos	56/57 98.2%	1/57 1.8%

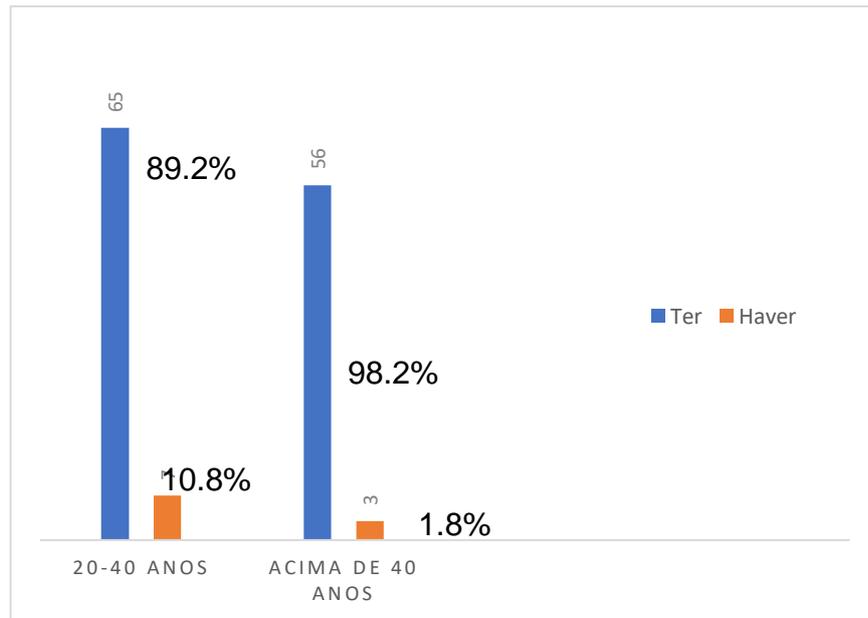
Fonte: Pesquisadora deste estudo

20-40 anos - (T1SPA) “[compra água] do brejo. menos ‘saloba’ né? de uma ‘minação’ que **tem** ‘aculá”.

+41 anos - (T2MPC) “Em muitos lugares não **tem** transporte porque as ‘istrada’ se ‘acabaro’, né? uma buraqueira da ‘pêga’...”

Para a faixa etária de 20 a 40 anos, apresentaram-se 58 realizações do total de 65 de *ter* existencial contra 7 realizações de *haver* existencial, com percentuais de 89.2% e 10.8, respectivamente. Já em relação à faixa etária de mais de 41 anos, registraram-se 56 ocorrências de 57 da variante *ter*, contra 1 realização de *haver* existencial do total de 57, com percentuais de 98.2% contra 1.8%, respectivamente.

Vejamos o gráfico da tabela correspondente:

Gráfico 9 - Dados estatísticos do fator faixa etária

Fonte: Pesquisadora deste estudo

Este fator foi o único considerado na rodada de dados como significativo com peso relativo elevado, como mostra a tabela seguinte:

	Ter				Haver			
	Aplic	Total	Perc.	PR	Aplic.	Total	Perc.	PR
2	56	57	98%	.73	1	57	2,8%	.27
1	58	65	89.2%	.29	7	65	10,8	.71

Fonte: Pesquisadora deste estudo

Como mostra a tabela acima, o fator “faixa etária” foi estatisticamente significativo com peso relativo de *ter* na “faixa etária 20-40 anos” .29 e *haver* na “faixa etária 20-40 anos” com .71; e na “faixa etária acima de 41 anos” o peso relativo foi de .73 para o verbo *ter* e .27 para o verbo *haver*.

Guy e Zilles (2007, p. 214) expõem que o fato de existir variáveis não significativas em um estudo não quer dizer que os dados não contribuam para a compreensão do fenômeno variável, pelo contrário, também ajuda a entender o fenômeno, sendo tarefa do pesquisador apresentar todos os resultados, quer seja significativos, quer seja não significativos.

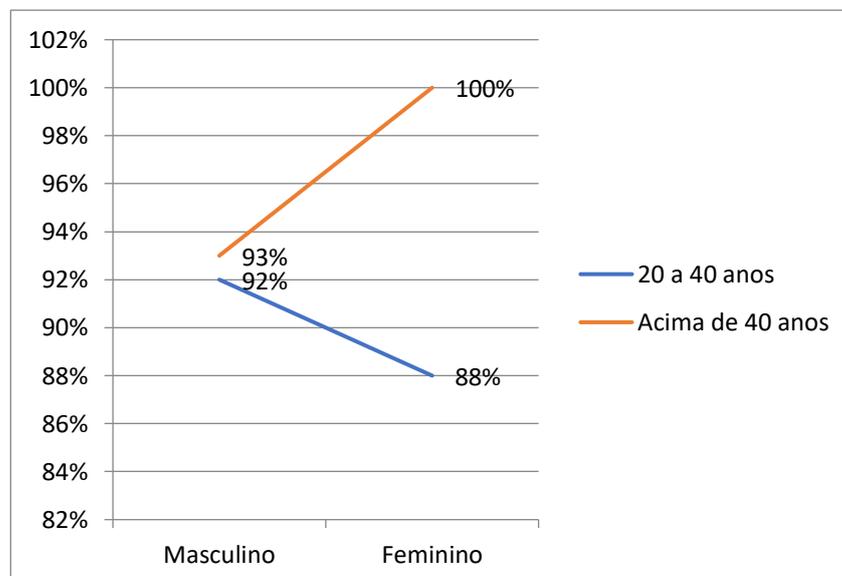
A partir dos dados estatísticos apresentados acima, conclui-se com este estudo, em consonância com os demais já realizados sobre o fenômeno variacionista *ter-haver* existenciais, que a variante *ter* tem se destacado em números de realizações em relação ao *haver*.

Neste estudo, diagnosticamos, que, na comunidade de fala em que a pesquisa foi realizada, *haver* tem perdido espaço em contextos existenciais enquanto o *ter* com sentido de existir só ganha força, se tornando nesta comunidade, o verbo existencial mais realizado com quase inexistência de ocorrências do *haver*.

Constatou-se também que há uma predominância maior de *haver* entre as idades 20-40 anos (adultos) e um quase inexistente uso entre os participantes da pesquisa acima de 41 anos. O que indicou nesse estudo que, entre os mais velhos, o uso da variante conservadora (*haver*) foi menos presente do que na faixa etária de 20 a 40 anos, cujos mais jovens registraram dados com mais realizações da variante conservadora (7 realizações).

Ainda com o intuito de verificar a atuação da variável sexo/gênero, realizamos o cruzamento dessa variável com a variável faixa etária (fator social significativo na rodada dos dados) e obtivemos os seguintes dados:

Percentuais de *ter* nas variáveis faixa etária e sexo/gênero



FONTE: autora deste estudo

De acordo com o gráfico acima, verificamos que a variante *ter* é a preferida entre as mulheres acima de 41 anos e o público que menos utiliza o verbo *ter* são as mulheres entre 20 a 40 anos, pois em relação aos homens não há um resultado com uma diferença expressiva, visto que os homens acima de 41 anos utilizam *ter* com sentido de existir 93% e os homens entre 20 a 40 anos utilizam *ter* existencial 92%, ou seja, o percentual de 1% de diferença não é tão significativamente relevante.

Embora os “gramatiquieiros” puristas defendam que o verbo *ter* usado em sentenças existenciais seja “erro”, nem os próprios conseguem utilizar o *haver* em todas as situações comunicativas. Por isso, Bagno (2009, p. 203) afirma que “é ridículo ‘corrigir’ só os *tinha* por *havia* porque são poucos os tempos verbais compostos em que o auxiliar *haver* tem emprego corrente”, haja vista que segundo o linguista, nenhum falante diz ““hei ido ao cinema ultimamente”, duvido que ele haja dito isso de mim”, “se tivéssemos dinheiro haveríamos construído uma casa maior”, “graças ao novo investimento, as obras haverão terminado no prazo contratado”” (BAGNO, 2009, p. 203).

Apesar de a comunidade em estudo estar afastada de “grandes centros urbanos”, alinha-se, linguisticamente, com o que ocorre em outras comunidades

No tópico seguinte, veremos a avaliação/percepção dos participantes da pesquisa sobre questões de língua concernentes à variação e ao fenômeno em estudo.

5.3 Percepção dos participantes da pesquisa concernente à variação em Estudo

Além da coleta de dados da fala dos moradores do pequeno povoado Faixa, localizado no município de Canindé - SE, no que tange à variação verbal entre *ter* e *haver* existenciais, esta pesquisa também se propôs a coletar uma avaliação dos próprios participantes da pesquisa sobre variedade linguística e a variação em estudo, durante a entrevista realizada por meio de um questionário guia anexado a esta pesquisa.

Perguntamos aos 12 participantes se achavam que as pessoas falavam de modo diferente de uma pessoa para outra ou se todo mundo falava da mesma maneira

e apenas um participante disse que todo mundo fala igual e que não percebe nenhuma mudança de linguagem de uma pessoa pra outra. Vejamos algumas das respostas:

1. “as pessoas falam em linguagens diferentes, né?... falam modos diferentes. Ninguém fala igual a ninguém, cada uma com sua forma de conversar”. (Mulher – 44 anos)
2. “Uma fala de um jeito diferente da outra pessoa”. (Mulher – 59 anos)
3. “cada um fala ‘deferente’ né? Eu falo de um jeito e ‘ôtos’ falam de ‘ôto’”. (Mulher – 60 anos)
4. “Cada um fala de uma forma, uns fala de um jeito, outros falam de outra forma, ninguém fala igual não”. (Homem – 53 anos)
5. “eu acho que todo mundo fala ‘ingual’, não vejo diferença nenhuma de um pra outro”. (Mulher - 28 anos)
6. “Diferente mais um pouco, né?! ‘Uns fala’ parecido com outra pessoa, outros mais diferentes, né?!, mas sempre percebo que não é todo mundo que fala igual, por isso que é um pouco diferente né?!”. (Homem - 37 anos)

A partir das respostas colhidas notamos que estes sujeitos percebem que seja em qualquer âmbito da língua(gem), há variedade, e esta heterogeneidade que não nos permite falar que todos falam da mesma forma, que todo mundo fala do mesmo modo: igual um ao outro.

Foi solicitado que, ao falar duas frases em que uma traz o verbo *haver* e outra o verbo *ter* existenciais, o participante falasse qual das duas ele mais fala/falaria no dia a dia, sendo as orações: “*há* um menino andando de bicicleta” e “*tem* um menino andando de bicicleta”. O interessante é que de 12 participantes que durante a entrevista, só usou o *ter* existencial em detrimento do *haver* em sua maioria, quando feita essa pergunta, apenas 6 disseram que falaria “*tem* um menino andando de bicicleta”, enquanto seis participantes falaram que usa/usaria mais a frase “*há* um menino andando de bicicleta”.

Esses dados chamam a atenção para algum tipo de intuição linguística dos participantes que disseram que o *ter* existencial é menos adequado que o *haver*, mesmo diante de entrevistas cujo verbo predominante foi o *ter* existencial, porém,

quando questionados com duas frases comparativas com as variantes em estudo, houve empate sobre qual *é*/seria mais utilizada por eles.

Diante do quadro de reconhecimento da existência de uma heterogeneidade em que os participantes percebem variação de uma para outra pessoa, questionou-se se eles acham que há uma forma de falar melhor ou mais bonita que a outra, se *tem* é uma forma melhor ou mais bonita que *há* ou vice-versa. Obtivemos respostas:

7. “uma forma de falar depende do ritmo da fala e do costume da pessoa. Mas nenhuma é mais bonita do que a outra, nem melhor” (Mulher – 44 anos)
8. “*tem* é mais correta do que *há*” (Mulher – 60 anos)
9. “há um menino andando de bicicleta eu acho que é a mais correta” (Mulher 26 – anos)
10. “as ‘duas forma’ são corretas... elas... elas expressam a mesma coisa, né?! (risos)... sei lá, omi (risos)... eu acho que são” (Mulher – 20 anos)
11. “*há* um menino andando de bicicleta é mais correta, não por nenhum motivo, só acho que é a mais bonita” (Mulher – 29 anos)
12. “há é mais bonito... só não sei falar o porquê (risos)”. (Homem – 36 anos)
13. “as duas ‘são igual’, eu acho que é tudo uma coisa só...” (Homem – 58 anos)

As respostas encontradas nos fazem entender que há uma intuição linguística na maioria dos participantes da pesquisa, uma vez que apenas um participante diz não perceber que cada pessoa ou grupos fala(m) de uma forma ao responder que todos falam iguais e que não percebe modos de falares distintos.

Outro ponto que nos faz apontar para uma intuição do falante, nos termos da teoria gerativa, acerca de questões linguísticas é o fato de, durante a entrevista, *ter* existido mais ocorrências da variante *ter* existencial em detrimento de *haver* existencial expressivamente e quando questionados sobre o uso de *ter-haver* ao darmos duas frases, cada uma com uma variante em estudo, e as respostas serem equivalentes, obtendo seis (6) respostas para o uso de *ter* e seis (6) respostas para o uso de *haver* existencial.

As justificativas dadas foram que os sujeitos participantes achavam que a escolha de sua resposta se dava por acharem que a variante escolhida era mais “correta”, levando-nos a perceber o quanto a percepção concernente ao “certo” e/ou “errado” ainda está enraizado na nossa sociedade, mesmo perante àqueles que não

tiveram contato com a escola, lugar em que essa avaliação das variantes que acaba sendo segregadora ganha força na escola mas não se detém apenas às pessoas que são escolarizadas, uma vez que essa concepção perpassa os muros escolares.

Na escola, os sujeitos são estimulados a desenvolverem um “conhecimento explícito”, este “designa o conhecimento reflexivo e sistemático do sistema intuitivo que os falantes conhecem e usam, bem como o conhecimento dos princípios e regras que regulam o uso oral e escrito desse sistema”. Já o conhecimento linguístico se configura como “um estágio intermediário entre o conhecimento intuitivo da língua e o conhecimento explícito, caracterizado por alguma capacidade de distanciamento, reflexão e sistematização” (DUARTE, 2008, p. 17-19).

Diante dessa realidade, percebe-se a necessidade cada vez maior de pesquisas sociolinguísticas, do rompimento de uma tradição exclusivamente gramatical nas escolas, a fim do cancelamento de uma avaliação de “certo” e “errado”, além da divulgação dos estudos e pesquisas sociolinguísticas não só nos espaços escolares, como também fora destes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A variação é inerente a todas as línguas naturais, uma vez que estas possuem um caráter dinâmico e heterogêneo que proporciona (re)arranjos em suas estruturas linguísticas. Uma faceta rica com capacidades infindáveis de realizações possíveis. No entanto, uma característica que poderia ser contemplada pela promoção da diversidade, é reprimida pelo mesmo motivo.

O preconceito linguístico, enraizado historicamente, nos mostra o quanto ainda estamos em um período retrógrado à consciência da valoração da multiplicidade no que tange aos usos linguísticos quando ainda precisamos explicar que ninguém fala “errado”/“feio” e que os usos de variantes estigmatizadas não acontecem aleatoriamente, mas são frutos de influências diversas, todas passíveis de explicação em que nenhuma destas pode, linguisticamente, colocá-la em um espaço de erro e/ou intolerância. Porém, “a partir da década de 60, o surgimento dos estudos sociolinguísticos estimulou e acentuou a preocupação com a apresentação de evidências sobre a heterogeneidade das línguas” (OLIVEIRA, 2014, p. 28).

O estudo de fenômenos variacionistas é profundamente importante para a quebra de uma corrente da gramática por ela mesmo, dirimidas apenas por meio da educação, do acesso às informações e dos conhecimentos linguísticos, a fim de gerar compreensão das interrogações que circundam questões errôneas e ignorantes sobre a língua, disseminadas de forma tão excludente durante tantas décadas, principalmente por meio das instituições midiáticas que possuem uma influência inenarrável, se estabelecendo como referências sobre o que é apresentado como “certo” e “errado”.

Partindo do pensamento de que, ao excluir um sujeito linguisticamente, exclui-se também parte da sua cultura e ideologias, colocando-o em um espaço de inferioridade, reafirmamos o quanto os estudos sociolinguísticos precisam ser realizados e divulgados, sobretudo nas escolas.

Portanto, esta investigação objetivou analisar, interpretar e descrever o comportamento linguístico variável dos verbos *ter* e *haver* com o sentido de existir na fala dos moradores do povoado Faixa, em Canindé de São Francisco – SE; cientes que essa variação não é realizada aleatoriamente, mas condicionada por meio de fatores linguísticos e sociais que imprimem os usos de uma variante ou outra. Trabalho embasado teórica e metodologicamente pela Sociolinguística Laboviana.

Salientamos que este estudo não está prioritariamente direcionado a uma perspectiva de certo/errado, visto que essa variação é pouco percebida nas situações comunicativas, o intuito desse trabalho é o de contribuir e ampliar o estudo sobre a variação *ter* e *haver* existenciais realizando a pesquisa em um estado que não há dados dessa variação, sobretudo em uma comunidade que não possui nenhum tipo de registro linguístico, com a possibilidade de futuramente não mais existir, devido ao pequeno número de moradores. Então, visamos a analisar se na comunidade de fala estudada encontraríamos a variação supracitada e qual das variantes ocorreria em maior e menor frequência, se uma estava em estado de suplantação de outra ou se coexistiam, além de coletar a percepção dos participantes da pesquisa sobre questões de variação, focando na verbal com as variantes *ter* e *haver* existenciais.

Apesar de a amostra ser pequena, com doze participantes, consideramos representativa pela quantidade ínfima de moradores na comunidade, cerca de quarenta. Apesar também do pequeno universo linguístico utilizado nesse trabalho, a coleta dos dados da fala dos doze participantes ofereceu subsídios necessários para atingir os objetivos propostos concernentes ao comportamento variacionista de *ter* e *haver* em construções existenciais.

Em relação à atuação das variantes em estudo relacionadas aos fatores condicionantes, obtivemos tais resultados propostos nos objetivos: há a variação *ter* e *haver* existenciais na fala dos moradores da Faixa; o *ter* ocorre com mais expressividade em relação ao *haver*, em que de 122 realizações, 114 foram da variante *ter* existencial e apenas 8 da variante *haver* existencial.

No que tange aos influenciadores linguísticos e sociais, colhemos os seguintes registros:

Os resultados alcançados das variáveis sociais foram: Sexo Feminino 77 realizações de *ter* existencial e 5 de *haver*, ambos de 82 ocorrências, com percentual de 93.9% *versus* 6.6%, respectivamente. Em relação ao Sexo Masculino, obtivemos 37 realizações de *ter* existencial e 3 de *haver* existencial, ambos de 40 ocorrências, com percentuais de 92.5% e 7.5%, respectivamente.

O fator social “faixa etária” apresentou o seguinte: de 20-40 anos 58 realizações de *ter* existencial e 7 de *haver*, ambos de 65 ocorrências, com percentuais de 89.2% e 10.8%, respectivamente. O fator “mais de 40 anos” apresentou 56 realizações de *ter* e 1 realização de *haver*, ambos de 57 ocorrências, com percentuais de 98.2 e 1.8%, respectivamente.

Quanto às variáveis linguísticas, o programa computacional GOLDVARB X registrou a seguinte análise dos dados: para o fator tempo verbal obtivemos 29 realizações de *ter* existencial e 1 realização de *haver* existencial no tempo passado, ambos de 30 ocorrências, com porcentagens de 96.7% e 3.3%. Já no fator presente, registraram 87 realizações de *ter* e 7 realizações de *haver* existencial, de 92 ocorrências das variantes, com porcentagens de 92.4% de *ter* contra 7.6% de *haver*.

Já em relação à variável linguística “Natureza do SN objeto”, o resultado foi o seguinte: para o fator “concreto” obtivemos 91 realizações de *ter* existencial contra 6 realizações de *haver* existencial, de 97 ocorrências, com porcentagens de 93.8% e 6.2%. Já para o fator “abstrato”, obtivemos 23 realizações de *ter* existencial e 2 realizações de *haver* existencial, ambos de 25 ocorrências, com porcentagens de 92.0% e 8.0%, respectivos.

O resultado desta análise corroborou com o resultado de outras pesquisas já realizadas sobre o fenômeno como: Dutra (2000), Callou e Avelar (2000), Avelar (2006), Vitória (2008), Oliveira (2014), em que, o verbo *ter* existencial se sobressai em relação à variante *haver* existencial.

Estes dados respondem aos objetivos propostos de que há a variação *ter* e *haver* existenciais na fala dos moradores do povoado Faixa, no município de Canindé de São Francisco – SE, e que a variante *ter* existencial em número de ocorrências tem sido mais expressivo que a variante *haver*, que quase não há realizações nas estruturas linguísticas dos falantes deste local. O resultado apresentado nesse estudo mostra uma possível mudança em curso ao que registra os dados encontrados na comunidade Faixa - SE. Apesar de o método utilizado na pesquisa não possibilitar uma resposta sobre uma mudança em progresso, os dados mostram, com expressividade, que o uso de *ter* em relação ao *haver*, na comunidade em estudo, foram superiores aos esperados hipoteticamente, tendo em vista outras pesquisas com o mesmo fenômenos em outras comunidades. Essa expressividade do resultado dos dados não pode ser ignorada, logo, estima-se que há indícios de mudança em progresso ocorrendo no uso de *ter* suplantando *haver* em contextos existenciais nesta comunidade.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F; BENTES, A.C. **Introdução à linguística**. São Paulo: Cortez, 2001.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- AVELAR, J. **Gramática, competição e padrões de variação: casos com ter/haver e de/em no português brasileiro**. Belo Horizonte: Revista de Estudos da Linguagem, 2006.
- BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia e exclusão social**. São Paulo: Loyola, 2000.
- BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim: em defesa do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: edições Loyola, 1999.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?: Sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- CABRAL, Leonor Scliar. **Introdução à linguística**. Porto Alegre: Globo, 1982.
- CALLOU, Dinah; AVELAR, Juanito. **Preservação e mudança na história do português: de possessivo a existencial**. Matraca, v. 19, nº 30. Rio de Janeiro, 2012.
- CALVET, L-J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMACHO, Roberto G. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

CARDOSO, Caroline Rodrigues; COBUCCI, Paula. Concordância de número no português brasileiro. In: BORTONI-RICARDO, S. M. **Por que a escola não ensina gramática assim?**. São Paulo: Parábola editorial, 2014.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia editora nacional, 1985.

COSTA, M. J. **Os verbos “aver” e “teer” no português arcaico** – breve sinopse. *Filologia Linguística Portuguesa*. N. 12(1). 59-68, 2010. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/flp/images/arquivos/FLP12_1/Costa.pdf Acesso em 27 de março de 2019.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3ª ed., 2001.

DUARTE, Inês. **O Conhecimento da Língua: Desenvolver a Consciência Linguística** - PNEP. Lisboa: DGIDC-ME, 2008.

DUARTE, M.E.L. **A perda do princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro**. Tese de Doutorado: UNICAMP, 1995.

DUTRA, Cristiane de Sousa. **Ter e haver: o uso variável na língua falada em Salvador**. Anais da XX jornada do Gelne: João Pessoa, 2012.

FARACO, Carlos Alberto. Entre a norma culta e a norma curta. In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

FIGUEIREDO, Adriana. **Gramática Comentada com interpretação de textos para provas e concursos**. 4ª ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

FONTES, Suzana. **Verbos ter e haver na Gazeta de Lisboa (1715-1716, 1815)**. *Domínios da Linguagem*, V. 8, n1. Vila Real-Portugal, 2014.

FREITAG, Raquel Meister Ko. **Documentação Sociolinguística**: Coleta de dados e ética em pesquisa. Sergipe: UFS, 2017.

FREITAS, Vera Aparecida de Lucas; SOUSA, Maria Alice Fernandes de. **Verbos impessoais**: variação no uso de haver, ter e fazer. In: BORTONI-RICARDO, S. M. Por que a escola não ensina gramática assim?. São Paulo: Parábola editorial, 2014.

GONÇALVES, E. **Substituição de ser por haver nas construções existenciais do português**: um estudo diacrônico. Revista da ABRALIN , v. XIII, 2014.

GNERRE, Maurício, **Linguagem, Escrita e Poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. (Orgs.). **Sociolinguística e ensino**: contribuições para formação do professor de língua. Florianópolis: Editora UFSC, 2010.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa**: Instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, [1972] 2008.

LABOV, William. The intersection of sex and social class in course of linguistic change. In: SANKOFF, D. *et al* (eds.). **Language variation and change**. Cambridge University Press. V. 2, n. 2. 1990.

MATTOS E SILVA, R.V. **Estruturas trecentistas**: Elementos para uma gramática do português arcaico. Lisboa: Estudos Gerais, Imprensa Nacional, 1989.

MOLLICA, Maria Cecilia; RONCARATI, Cláudia. **Como a escola pode explicar erros gramaticais e inovações?**. In: BORTONI-RICARDO, S. M. Por que a escola não ensina gramática assim?. São Paulo: Parábola editorial, 2014.

- MILROY, J. **Ideologias linguísticas e as consequências da padronização**. In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. Políticas da norma e conflitos linguísticos. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2 ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1953.
- NOGUEIRA, Sérgio. Simplificando o português. São Paulo: Gold Editora LTDA, 2005.
- OLIVEIRA, Carolina Sartori de. **A variação entre ter e haver na fala e na escrita da variedade riopretense**. Dissertação de mestrado: São José do Rio Preto, 2014.
- PAIVA, Maria C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M.; BRAGA, M. (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.
- PERROT, Jean. **A linguística**. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1970.
- SÁ, Edmilson José de. **A pesquisa sociolinguística e a seleção de informantes: o que sugere Fernando Tarallo?**. Web revista SOCIODIALETO, V. 8, nº 4. Campo Grande, 2014.
- SAMPAIO, Maria Lúcia Pinheiro. **Estudo diacrônico dos verbos ter e haver, duas formas em concorrência**. Editora Copy Market, 1978.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **A variação 'haver/ter'**. In: SILVA, R. V. M. (Org.). A carta de Caminha: testemunho linguístico de 1500. Salvador: EDUFBA, 1996.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **Contradições no ensino de português: a língua que se fala X a língua que se ensina**. São Paulo: Contexto, 1995.
- TANGA, Julio Cesar Michelucci. **Guia prático de língua portuguesa para assessores e estagiários de magistrados**. 1ª ed. Londrina, 2014.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1994.
- VALLE, Maria Lúcia Elias. **Não erre mais: língua portuguesa nas empresas**. Curitiba: Intersaberes, 2013.

VILLARINHO, Clara Nóvoa Gonçalves. **Sujeito Nulo no português Brasileiro:** elementos para sua análise a partir de situações experimentais. In.: SHEPHERD, Tania Granja e VASCONCELOS, Zinda de (orgs.). *Linguagem: teoria, análise e aplicações*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2006.

VITÓRIO, Elyne G. S. L. A. **Ter/haver existenciais na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió/AL.** Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística: Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008.

VITRAL, L.; RAMOS, J. **Gramaticalização:** uma abordagem formal. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 2006.

XAVIER, Antônio Carlos. Capítulo 2 – Ciência, seus métodos e classificações. In: *Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos*. Recife: Rêspel, 2010.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

APÊNDICE A – FICHA SOCIAL DO INFORMANTE

Ficha social do informante

Data: ___/___/___ Local da gravação: _____
 Documentador: _____
 Código do arquivo de áudio: _____

1. INFORMANTE

Nome completo: _____
 Apelido (se tiver): _____ Estado civil: _____
 Possui filhos? Se sim, quantos? _____
 Zona de residência: () rural () urbana
 Rua: _____ Bairro: _____
 Município: _____ Mora a quanto tempo? _____
 Telefone (para recontato): _____
 Local de nascimento: _____
 Data de nascimento: ___/___/___ || Trabalha atualmente? Se sim (em que? Qual atividades exerce, onde trabalha e quantas horas?

Outras atividades: _____
 Já viajou? Sim () - () Não | () permaneceu pouco - () permaneceu muito
 Lugares que visitou: _____
 Morou por mais de um ano em outro município? Sim () - Não ()
 Nome do(s) lugar(es) em que morou: _____
 Prestou Serviço Militar? Sim () - Não ()
 Cidade em que prestou Serviço Militar: _____
 Ouve rádio? () sim - () não. Quais emissoras? _____
 Programa(s) preferido(s)? _____
 Vê televisão? () sim - () não Quais canais? _____
 Programa(s) preferido(s) _____
 Estuda? Se sim, qual série? _____ Onde fica? _____
 Nome da escola: _____
 Se não, já estudou? Até que série? _____
 Série/turma: _____ Turno de aula: _____
 Tem hábito de ler? Sim () - Não () Que tipo de leitura? _____
 Está inserido nas redes sociais digitais? Sim () - Não () Quais? _____
 Participa de algum grupo religioso? Sim () - Não () Qual? _____
 Participa de algum outro grupo (associação de bairro, coletivo, etc.)? Sim () - Não () Qual? _____

2. DADOS RELATIVOS AOS PAIS DO INFORMANTE

Em que município nasceu e morou por mais tempo?
 a) o pai nasceu: _____ morou: _____
 b) a mãe nasceu: _____ morou: _____

3. INDICAÇÃO DE OUTRO INFORMANTE:

Nome: _____

Grau de proximidade: () Grau 1 () Grau 2 () Grau 3 () Grau 4 () Grau 5

Questionário Guia

Bloco de perguntas sobre a localidade em que o informante reside

- Quanto tempo você mora na Faixa?
- Sempre morou aqui? (se não, por que veio morar aqui?) (se sim, gosta de morar aqui?)
- Mudou muito em relação aos dias de hoje?
- Se surgisse oportunidade de mudança, moraria em outro lugar? Por quê?
- O que você mais gosta de fazer no local onde mora? (festas, atividades de lazer, opções de gastronomia)
- Quais são os pontos positivos de viver nessa comunidade? (facilidades de transporte, comércio, lazer, educação?)
- Quais são os problemas de se morar nessa comunidade? (provavelmente o participante da pesquisa falará sobre violência, falta de infraestrutura, saneamento básico, transportes públicos deficitários, etc.)
- Se tivesse o poder de melhorar algo na Faixa o que mudaria?
- Como é a Faixa quando dá um ano de verão sem chuvas?
- Como é a Faixa quando chove?

Bloco de perguntas sobre a linguagem e o fenômeno variável em estudo

- Quando você conversa com alguém você presta atenção no jeito que a pessoa fala? Se sim, por quê?
- Você percebe modos diferentes de falar uma mesma coisa (variação) na fala das pessoas quando estão conversando?
- Existe alguma coisa na fala das pessoas que chama sua atenção de forma especial?
- Você acha que um modo de falar é melhor ou mais bonito do que o outro? Por quê?
- Quando você está conversando, você fala mais a expressão “tem um menino andando de bicicleta” ou fala mais “há um menino andando de bicicleta”?
- Você acha que uma é mais correta ou mais bonita que a outra? Se sim, Por que?